NIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

DEYLANE CRISTIANE SOUSA PEREIRA

O PASSADO REVISITADO EM *MEMÓRIAS DE UM VELHO,* DE CLODOALDO FREITAS

TERESINA
2019

DEYLANE CRISTIANE SOUSA PEREIRA

O PASSADO REVISITADO EM *MEMÓRIAS DE UM VELHO,* DE CLODOALDO FREITAS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito final para a obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura, Memória e Cultura.

Orientação: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos

TERESINA

2019

P426p Pereira, Deylane Cristiane Sousa.
O passado revisitado em *Memórias de um velho*, de Clodoaldo Freitas [manuscrito] / Deylane Cristiane Sousa Pereira. – 2019.
98 f.

Impresso por computador.
Dissertação (mestrado)–Universidade Estadual do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.
"Orientação: Profa. Dr. Silvana Maria Pantoja dos Santos, Centro de Ciências Humanas e Letras".

1. Memória. 2. Velho. 3. Revisitação. 4. Clodoaldo Freitas. I. Santos, Silvana Maria Pantoja dos. II. Título.

CDD 153.12

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

O PASSADO REVISITADO EM *MEMÓRIAS DE UM VELHO*, DE CLODOALDO FREITAS
DEYLANE CRISTIANE SOUSA PEREIRA

Esta dissertação foi defendida às 09 horas, do dia 30 de abril de 2019, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ..APROVADO..... (Aprovado, não aprovado).

Silvana Maria Pantoja dos Santos
Professora Drª Silvana Maria Pantoja dos santos – UESPI
(Orientadora)

Ana Cristina Meneses de Sousa
Professora Drª Ana Cristina Meneses de Sousa
1ª examinadora – UESPI

Raimunda Celestina Mendes da Silva
Professora Drª Raimunda Celestina Mendes da Silva
2ª examinadora – UESPI

Visto da Coordenação:
Feliciano Bezerra
Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras
da UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

A Deus, à minha mãe (Maria do Socorro), ao meu pai (Antônio Eurípedes), às minhas irmãs (Denise Heline e Deisiany Cristine).

AGRADECIMENTOS

“Somente seja forte e corajoso!” Assim diz os ensinamentos de Deus no livro de Josué 1:9. Tenho plena convicção de que foi a força divina que me animou para não desistir e enfrentar as dificuldades enfrentadas nesse percurso.

Ao Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), por disponibilizar um curso tão enriquecedor para a comunidade acadêmica.

À minha linda orientadora, Profa. Dr. Silvana Maria Pantoja dos Santos, por ter acreditado em minha proposta de pesquisa e me ajudado de forma doce e firme.

A todos os professores do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí. Nós, alunos, somos privilegiados por aprendermos com profissionais altamente qualificados e queridos.

Às componentes da banca, Profa. Dr. Raimunda Celestina, que me estimulou e ajudou a permanecer com a proposta de análise inicial. À Profa. Dr. Ana Cristina Meneses, que é uma grande pesquisadora e pela qual nutro imensa admiração.

Aos meus amados pais, Antônio Eurípedes e Maria do Socorro por serem meu porto seguro nos contratempos e na alegria, meu alento.

Às minhas irmãs, Denise Heline e Deisiany Cristine, por me acompanharem e apoiarem sempre. O amor de vocês é fundamental para que eu siga adiante.

Às minhas Luluzinhas do mestrado, Araceli, Fabíola, Hanna, Márcia e Wilany, pelas trocas de experiências, risadas e consolo no decorrer do curso.

A todos os familiares e amigas queridas, que torcem a cada conquista minha alcançada.

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer.

Não quero morrer, pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer.

Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá

(Envelhecer, Arnaldo Antunes)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o processo de rememoração do personagem idoso de *Memórias de um velho* (2008), do escritor Clodoaldo Freitas. Para tanto, propõe-se problematizar a postura adotada pelo narrador na retomada do passado, a fim de compreender como se dá o modo de revezamento entre lembrança e esquecimento. O narrador-personagem Emílio narra suas lembranças ressignificadas por meio de suas reflexões sobre tragédias consecutivas, perdas e ganhos de fortuna, amores intensos, alterações de caráter, críticas de costume ferrenhas, bruscas mudanças nos acontecimentos de sua trajetória de vida desde suas lembranças de infância, até o momento em que se encontra na velhice. A relevância da discussão se mostra sobre como o protagonista articula lembranças particulares com acontecimentos sociais, políticos e históricos que contextualizam a história, o espaço temporal da narrativa, e como se dá o processo de revezamento entre lembrar e esquecer. As discussões sobre memória serão fundamentadas na visão de Bergson (1999), Le Goff (1990), Bachelard (2007), Bosi (1994), Sarlo (2007); sobre a dialética entre memória individual e coletiva será pautada em Halbwachs (2006) e Pollak (1989). A respeito da temática velhice, utiliza-se o arcabouço teórico de Pinho (2011) e Bosi (1994); acerca da lembrança e esquecimento a discussão apoiou-se em Ricouer (2007). A partir dos estudos realizados podemos constatar que o idoso possui a função social de lembrar. A memória do velho dá-se no processo de revezamento de lembranças do passado articuladas com o presente, ressignificando-as de acordo com suas experiências de vida de modo que guarda para si, somente aquilo que foi relevante.

Palavras-chave: Memória. Velho. Revisitação. Clodoaldo Freitas.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the process of reminscence of the elderly character from the novel "Memórias de um Velho" (2008), by the writer Clodoaldo Freitas. In order to achieve this, we propose to question the narrator's position in the recapture of the past, in order to understand how the alternation between remembering and forgetting occurs. Emilio, the first-person narrator, tells his recollections from childhood until the moment in which you find yourself in old age, resignified through his reflections on consecutive tragedies, losses and gains of wealth, intense love affairs, changes of character, harsh criticisms of habits, abrupt changes in the events of his life trajectory. Is relevant to discussion about how the protagonist associates personal memories with social, political and historical events that contextualize the story, also about the time space of the narrative, and how the process of alternation between remembering and forgetting occurs. Discussions on memory will be based on the theories of Bergson (1999), Le Goff (1990), Bachelard (2007), Bosi (1994) and Sarlo (2007); the dialectic between individual and collective memory will be based on Halbwachs (2006) and Pollak (1989); to study the theme of old age we use the theoretical outline made by Pinho (2011) and Bosi (1994); and Ricouer (2007) to discuss on remembering and forgetting. From this study, we can corroborate that the elderly have the social function to remember. The old man's memory happens in the process of alternating memories of the past associated with the present, resignifying them according to his life experiences, however in the novel in question that he keeps to himself only what is relevant.

Keywords: Memory. Old man. Revisiting. Clodoaldo Freitas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO. 10
2 DIÁLOGOS SOBRE MEMÓRIA 15
2.1 Tempo e memória na narrativa 16
2. 2 Memórias individual e coletiva: conexões possíveis 21
3 MEMÓRIA DE VELHO NA LITERATURA 33
3.1 "A memória é uma vasta ferida": relações entre memória e velhice 33
3.2 Memória e esquecimento 40
3.3 "... e começava a tomar consciência da velhice": a velhice em Gabriel Garcia Márquez, Chico Buarque e Clodoaldo Freitas 49
4 LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO EM *MEMÓRIAS DE UM VELHO* 66
4.1 A figura intelectual e política de Clodoaldo Freitas 66
4.2 O personagem Emílio e suas lembranças afetivas 70
4.3 Lembrança/esquecimento e o sentido da existência em espaços de referência *79*
4.4 Lembranças políticas e sociais em *Memórias de um velho* *85*
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 93
REFERÊNCIAS 96

1 INTRODUÇÃO

A memória de pessoas envelhecidas é um construto de lembranças elaboradas a partir do repouso que os idosos dispõem para essa função. É na velhice que o homem se afasta da vida ativa na sociedade e para lembrar e contar aos outros suas experiências sobre o que foram o que fizeram e o que aprenderam da vida. É na fase mais amadurecida que as pessoas tornam-se a memória viva da família, da sociedade e do grupo.

Diante disso, objetiva-se com este trabalho analisar o processo de rememoração na obra *Memórias de um velho* (2008) do escritor piauiense Clodoaldo Freitas. Para tanto, parte-se da seguinte problematização da postura adotada pelo narrador na retomada do passado: de que formas são representadas as memórias do narrador-personagem na obra em questão? Como se dá o processo de construção das memórias afetivas do sujeito que se pronuncia? De que maneira a memória do velho é retratada nas obras *Memórias de minhas putas tristes; Leite derramado* e *Memórias de um velho*? Como se dá o processo de revezamento entre lembrança e esquecimento na obra?

O enfoque no estudo da memória, justifica-se pela necessidade de compreender como se dá a construção da memória afetiva do narrador-personagem. Será relevante a discussão sobre como o protagonista articula lembranças particulares com acontecimentos sociais, políticos e históricos que contextualizam e demarcam a obra no espaço temporal da narrativa.

A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico, tendo como fundamentação teórica a visão de Bergson (1999), Le Goff (1990), Bachelard (2007), Bosi (1994), Sarlo (2007); Halbwachs (2006) e Pollak (1989); Pinho (2011) e Bosi (1994); Ricouer (2007) dentre outros.

A obra *Memórias de um velho* é um romance que segue o estilo de escrita do século XIX, época em que foi produzida, portanto apresenta características cronológicas específicas quanto ao modo de condução da memória. A citada obra foi o primeiro romance de Clodoaldo Freitas escrito provavelmente no final dos anos de 1890 e publicado, inicialmente, em formato de rodapés do jornal “Pátria”, em 1905. Em 2008, o livro foi reeditado sob a organização de Teresinha Queiroz, Professora e historiadora da Universidade Federal do Piauí.

A referida obra possui como temática a memorização de situações vivenciadas pelo protagonista em que, ora, são retratadas com vivacidade e riqueza de detalhes,

ora, são esquecidas informações no decorrer da trama como expressão da falha de memória do idoso ao tentar recordar o nome de cidades e lugares por onde passou; além de retratar os costumes, discursos sociais e marcas da sociedade do sertão piauiense da época em foi escrita.

O enredo concentra-se em um tempo cronológico, dando ao leitor a impressão de que nada escapa ao narrador-personagem. No transcorrer da narrativa, percebe-se que há a pretensão de Emílio, narrador-protagonista, de abarcar todo o vivido, desde os acontecimentos da infância, na Fazenda Retiro, até a idade madura.

O perfil desse tipo de narrador coaduna-se com a visão de Agostinho (1998, p. 224) acerca do controle da memória. Agostinho afirma: “quando lá entro, mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero”. Com essa afirmação, metaforiza a memória com a imagem de vastos salões que comportam as lembranças, expressando a ideia de que o homem detém total controle sobre os conteúdos da memória.

Todavia existe um fosso entre o lembrado e o vivido, que abre lacunas para questionar sobre a memória do narrador. Isso se justifica pela condição idosa, que contribui para a perda de nitidez dos acontecimentos. Além do delicado papel da imaginação, que interfere no processo de rememoração. Também se deve considerar a condição da distância temporal entre o vivido e o lembrado, que deixa espaço para o revezamento entre a lembrança e o esquecimento. Assim, as coisas evocadas são conservadas ou apagadas, sob a influência da fantasia ou da imaginação.

Em *Memórias de um velho* o leitor é convidado a passear por todas as fases da vida de Emílio, que inicia sua narração apresentando sua condição de quase morte e sente a necessidade de narrar sua história, como forma de ensinar a respeitar os valores conquistados e perdidos durante sua existência. Assim, o olhar do personagem idoso repousa de maneira mais reflexiva sobre os ganhos e as perdas da vida. São rememorados acontecimentos da infância e de amores vividos, com um pano de fundo histórico fortemente contextualizado.

Um literato como Clodoaldo Freitas [1] merece atenção pelo fato de ser considerado uma das maiores personalidades intelectual do Piauí na transição do Século XIX para o Século XX. Foi combatente na Guerra do Paraguai (1864-1870).

[1] As informações biográficas de Clodoaldo Freitas foram consultadas no site https://www.academiapiauiensedeletras.org.br/clodoaldo-freitas/

Em 1870, formou-se em Direito em Recife (PE), regressando ao Piauí no ano de 1880. Em 1882, atuou como juiz na cidade de Valença do Piauí e, depois, como promotor público e juiz municipal em Teresina. Politicamente, sua vida se inicia no Império, como membro do Partido Liberal (PL), defendendo as causas abolicionista e republicana. Logo depois da proclamação da República (15/11/1889), Freitas aliou-se ao Barão de Castelo Branco, visto que o PL havia se dissipado.

Em 1891, o governador do Piauí, Gabriel Luís Ferreira, foi deposto do cargo, assumindo o seu lugar uma junta governativa composta por Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, José Eusébio de Carvalho Oliveira, Elias Firmino de Sousa Martins e José Pereira Lopes. No ano de 1896, Clodoaldo Freitas assumiu o cargo de chefe de Polícia do Piauí e, posteriormente, de procurador geral substituto da Justiça até o ano de 1900. Candidatou-se a deputado federal em 1903, conseguindo votos suficientes para ser eleito, mas não houve reconhecimento de sua eleição por parte da Comissão de Verificação de Poderes. Nessa época, Clodoaldo mudou-se para São Luís, onde teve êxito em sua vida intelectual, participando da fundação da Academia Maranhense de Letras. Em 1916, regressa ao Piauí, onde foi nomeado desembargador, integrando até a morte, o Tribunal de Justiça.

Clodoaldo Freitas teve participação também na fundação da Academia Piauiense de Letras, no ano de 1917, sendo seu primeiro presidente. Além de atuar na dinâmica intelectual e política do Piauí e do Maranhão, Freitas também foi chefe de polícia do Maranhão e de Mato Grosso, inspetor escolar no Amazonas, juiz de Direito em Minas Gerais e Rio de Janeiro, professor de Direito e deputado estadual no Pará, onde morou por certo tempo.

Ele também atuou como colaborador em diversos periódicos, dentre ele destacam-se o Diário do Piauí, A Imprensa, O Reator, O Abolicionista, A Reforma, O Democrata, O Estado, A República, A Notícia, O Piauí, O Diário, Revista Mensal da Sociedade União Piauiense, A Pátria, A Notícia, Revista da Academia Piauiense de Letras e Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, todos do Piauí. Também colaborou em *A Reação,* de Pernambuco, e *Diário da Manhã e Diário do Pará.*

Dentre as suas produções, destacam-se as seguintes obras: *Fatores do Coelhado* (1892), *O Piauí* (1902), *História do Piauí* (1902), *Vultos piauienses* (1903), *Memórias de um velho* (1905), *A Pátria* (1905), *Em roda dos fatos* (1911), *Crônicas* (1911), *História de Teresina* (1912), *Contos a Teresa* (1915). Além disso, fez

traduções de obras como *Inferno de Dante* (1912) e *Os últimos dias de Pompéia* (1912).

Por exercer liderança cultural e intelectual, Clodoaldo nos possibilita uma rica contribuição, visto que foi o escritor que mais produziu textos de variados assuntos: históricos, filosóficos, de exegética religiosa, etnográficos, literários, jurídicos, sob forma de artigos; polêmicas, crônicas, romances, contos, relatórios, novelas, poesias, resenhas críticas, traduções literais, traduções livres, entre outros. Diante da vasta produção desse autor, propomos tomar seu texto para uma análise focada na rememoração de histórias passadas sob a ótica de um velho. Nesse sentido, espera-se contribuir para o fortalecimento de outras pesquisas acerca desse autor piauiense, assim como para a expansão do conhecimento sobre sua produção nos meios acadêmico e cultural de nosso Estado e alhures.

Para versar sobre uma das obras do referido autor, estruturamos este trabalho da seguinte forma: no primeiro capitulo fez-se uma apresentação geral do trabalho; no segundo capítulo, estabelecemos inicialmente dialogar sobre memória de maneira a articulá-la ao tempo na narrativa e apresentando reflexões sobre memória coletiva e individual. Depois dessa ponderação sobre memória e suas articulações, discorremos no terceiro capítulo sobre como a memória de velho é apresentada na literatura a partir da discussão acerca da memória na velhice, do esquecimento e da análise do modo como a velhice é retratada na literatura a partir do recorte literário das seguintes obras*: Memórias de minhas putas tristes* (2016), *Leite derramado* (2009) e *Memórias de um velho* (2006). No quarto capítulo a pesquisa busca realizar uma apreciação do objeto de pesquisa desse estudo *Memórias de um velho* a fim de analisarmos de que modo se dão as lembranças revisitadas do narrador-personagem Emílio, quanto aos aspectos afetivos, ao revezamento entre lembrança e esquecimento associados ao elemento narrativo espaço, e aos acontecimentos político-sociais.

A pesquisa na obra *Memória de um velho*, de Clodoaldo Freitas é relevante, pois possibilita pensar o passado com o olhar do presente, uma forma de tomada de distanciamento dos acontecimentos. Sendo assim, o passado é reelaborado, a partir de uma perspectiva: a da velhice; a fim de se refletir sobre o vivido e o sentido da existência. O autor não se preocupou somente em incutir história no hábito literário de seu público leitor, mas também animou os rumos de sua escrita num período em que a divulgação de textos literários e históricos sobre o estado estava sem

movimentação. Seu conhecimento e vivência foram suporte para intervir sobre seu presente ao propor um registro dos acontecimentos relevantes de seu povo. Sua escola escriturária foi a do jornalismo de combate na área religiosa, política e filosófica, pontos cruciais abordados na obra em estudo como pano de fundo para as reflexões de Emílio sobre sua vida. No quinto e último capítulo são tecidas as considerações finais ao trabalho.

2 DIÁLOGOS SOBRE MEMÓRIA

A memória é tema de interesse de diversas áreas do conhecimento, perpassando pela filosofia, ciência social, sociologia, neurociência e, em especial a literatura. Esse interesse decorre de uma necessidade de entender seu funcionamento e contribuição nos mais diversos campos da sociedade.

O estudo a respeito da temática não é recente, pois desde a Grécia antiga, a explicação desse mecanismo se dava sob a figura da deusa *Mnemosine*, mãe das nove musas que protegia a arte e a história, além disso, inspirava os poetas para que não se esquecessem do passado e assim propagassem os ensinamentos aos mortais. Os poetas eram personalidades respeitadas que ocupavam lugar de destaque na sociedade por serem guardiões da memória viva. Registrar a memória de modo externo ao corpo era tido como algo que a enfraquecia, por isso o povo grego desenvolveu várias técnicas que contribuíssem para a preservação da memória.

Tempos depois no período da Idade Média, a memória ganhou um tom litúrgico devido ao objetivo dos cristãos e judaicos de valorizar, preservar e rememorar os feitos e milagres antigos através do registro de datas no calendário para marcar a comemoração dos dias de santos e mártires, além das festas religiosas. Segundo Le Goff (1992), a igreja fazia parte da vida cotidiana medieval já que sua influência não se dava somente no âmbito religioso, mas também nos setores financeiros, políticos, culturais e sociais. Os representantes de Deus tinham o poder centralizado em suas mãos, portanto reis, bispos e papas responsabilizavam-se desde a produção artística até aos investimentos econômicos.

Podemos entender memória atualmente como “uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado” (BOSI, 2003, 97-98), pois a mesma está em permanente estado de revezamento ao apagar lembranças que não são importantes e ao resignificar as que foram guardadas.

Em consonância aos pensamentos de Bosi, o teórico Pierre Nora (1993, p. 09) diz que:

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

De acordo com Nora, a memória caracteriza-se pela vitalidade e mutabilidade estando sempre em processo de atualização podendo ser testemunhada por

diferentes perspectivas, pois por não ser algo palpável, ela se torna matéria aberta para alterações de várias naturezas, como por exemplo, o esquecimento e a manipulação que pode se dar no âmbito da memória coletiva, visto que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade individual e coletiva.” (POLLAK, 1989, p. 204). Sendo assim, a memória também ganha o caráter de fenômeno que é construído na sociedade e na individualidade e para que a memória prevaleça como oficial e representativa de uma nação torna-se factível de ser alterada para beneficiar uma parte dessa coletividade.

Por isso, Sarlo (2007, p.20) diz que “memória é um ato político” na medida em que conecta diretamente o presente ao passado com o intuito de colaborar com a construção da história, pois mesmo que nas últimas décadas pós-modernas priorizou-se a cultura do momento, fragmentado ou apagamento do passado, ainda é latente a preservação de museus, romances históricos, filmes que recontam o passado e os diversos gêneros discursivos com nova roupagem ocupam-se de revisitação do passado para o presente.

Em consonância ao que será abordado neste capítulo, a obra *Memórias de um velho* narra o tempo em que viveu suas experiências, pautado em memórias que perpassam por revezamentos entre lembranças e esquecimentos ao longo de sua trajetória. Diante disso, no presente capítulo abordaremos a relação entre tempo e memória analisando de que modo o tempo influencia na construção da memória. Em seguida, também evidenciamos a confluência entre memória individual e coletiva de modo a investigarmos de que maneira uma influencia a outra.

2.1 Tempo e memória na narrativa

Vez por outra nos pegamos comentando sobre a passagem do tempo, seja pelo tocante à aceleração no transcorrer de atividades prazerosas, seja pela lentidão, que exige de nós um pouco mais de paciência. O fato é que o tempo é corrente contínua e igualitária para todos, mas cada indivíduo possui sua própria marcação temporal, psicológica, que se distancia do tempo marcado socialmente, que tem duração convencional pelo coletivo.

A passagem do tempo biográfico, que compõe a individualidade de cada ser; assim como o tempo vazio perdido nas horas mortas quando cumprimos protocolos sociais formam a identidade do sujeito subjetivo, pois o que vivemos no passado reflete em nossas lembranças atuais de maneira modificada por nossa subjetividade.

Por esse motivo, podemos dizer que “a memória é sempre anacrônica” (SARLO, 2007, p. 56) pois, se configura como uma montagem do tempo; a todo o momento reelaborou o passado por meio de percepções atuais de nosso subjetivismo.

Henri Bergson (1999) introduziu o conceito de tempo subjetivo, englobando a articulação entre os mundos interior e exterior. Para ele, o tempo subjetivo possui caráter linear, contínuo e dá-se quando as coisas vividas se confundem com a continuidade da vida interior, sendo a duração o instante da lembrança, ou seja, tempo único.

Segundo Bergson, a partir da percepção que liga o mundo interior ao exterior, o momento de fruição e lembrança pode ser demorado, como por exemplo, ao ouvir uma música que lembre algo do passado, a lembrança se constitui pura, pois a realidade interior seria suspensa para trazer à tona uma lembrança sem interferências.

O ser subjetivo dá-se num fluxo de tempo que escoa sem parar, as experiências de vida do indivíduo acontecem no decorrer do tempo, por isso pode-se dizer que a duração não pode se separar da experiência íntima. Acerca disso, Bergson (1999, p. 161-162) reflete:

> O que é, para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático. Certamente há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração. Onde, portanto, se situa essa duração? Estará aquém, estará além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente? Evidentemente está aquém e além ao mesmo tempo, e o que chamo "meu presente" estende-se ao mesmo tempo sobre meu passado e sobre meu futuro. Sobre meu passado em primeiro lugar, pois "o momento em que falo já está distante de mim"; sobre meu futuro a seguir, pois é sobre o futuro que esse momento está inclinado, é para o futuro que eu tendo, e se eu pudesse fixar esse indivisível presente, esse elemento infinitesimal da curva do tempo, é a direção do futuro que ele mostraria.(...) Meu presente, portanto é sensação e movimento ao mesmo tempo; e, já que meu presente forma um todo indiviso, esse movimento deve estar ligado a essa sensação, deve prolongá-la em ação. Donde concluo que meu presente consiste num sistema combinado de sensações e movimentos. Meu presente é, por essência, sensório-motor. Equivale a dizer que meu presente consiste na consciência que tenho de meu corpo. Estendido no espaço, meu corpo experimenta sensações e ao mesmo tempo executa movimentos.

A temporalidade do ser existe na duração que estabelece uma relação de complementaridade entre passado, presente e futuro. Para ilustrar a ideia de duração,

Bergson (1999) faz uso da metáfora do elástico ao propor que fixemos nossa atenção na ação que é exercida na linha do elástico enquanto o mesmo é esticado num movimento de alongamento. Devemos considerar que a ação é indivisível da duração, ou seja, a ação realiza paragens, mas sem separar drasticamente o começo, meio e fim. A memória tida como o lado subjetivo para o conhecimento das coisas, “permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (BOSI, 1994, p. 47). O cérebro é a parte prática, física, material que lança lembranças no presente com o objetivo de provocar ações no corpo.

O tempo bergsoniano é decorrente do movimento e não como instante imóvel. O mesmo entendimento estende-se para a noção de duração de um ser e suas ações que ocorrem no fluxo da vida e organiza-se em divisões e segmentos. Como se em uma música, em sua passagem melódica precisássemos inserir instantes, descontinuidade temporal. Como se pudéssemos cristalizar cada compasso ao ouvi-la repetidamente e atentamente. Se a música está para o tempo, o ritmo está para o movimento que não se repete. Na tentativa de repetir ouvir sistematicamente a mesma música, o que restaria seria adicionar uma nova experiência às que lá já existiam. O ritmo não seria a soma dos sons, mas a sua totalidade que não se decompõe.

O tempo subjetivo na perspectiva bergsoniana, no entanto foi duramente criticado por teóricos modernos e contemporâneos, que compreendem a memória de forma lacunar e fragmentada, como assevera Bachelard (2007, p. 86):

> A consciência do tempo é sempre, para nós, uma consciência da utilização dos instantes, é sempre ativa, nunca passiva - em suma, a consciência de nossa duração é a consciência de um progresso de nosso ser íntimo, seja de progresso efetivo, imitado ou, ainda, simplesmente sonhado.

Enquanto para Bergson (1999), o tempo apresenta-se como um contínuo sem distinção entre o presente e os estados anteriores, a memória é construída a partir do tempo imediato. Para Bachelard, a memória é pensada como descontínua e o tempo não é único, mas plural, ou seja, não é tido como duração, mas como instantes. A pluralidade de instantes não têm nem o mesmo ritmo, nem o mesmo encadeamento. É marcada por novidade, espantos, rupturas, cortada de vazios.

Bachelard (2007) questiona a seguinte proposição de Bergson (1999): se o ser vive a consciência de estar no tempo ele também pode perder o fluxo da temporalidade. Por exemplo, quando o tédio é experienciado, é sentida a vontade de

fazer nada, desse modo o fluxo do tempo é negado, é barrado o seu escoamento pela recusa do ser numa situação de cansaço ou de melancolia.

A teoria de temporalidade de Bachelard (2007, p. 6) baseia-se na noção de instante, não na de duração. De acordo com o autor, ao viver os momentos em que não há escoamento temporal:

> Na tarefa de esvaziar o tempo vivido daquilo que ele tem de excessivo, na tarefa de seriar os diversos planos de fenômenos temporais, percebemos que esses fenômenos não *duravam* todos do mesmo modo e que a concepção de um tempo único, levando embora nossa alma e as coisas para sempre, só poderia corresponder a uma visão de conjunto que resume de forma muito imperfeita a diversidade temporal dos fenômenos.

No tempo plural, a ordem das lembranças, a seleção do que será ressaltado e até mesmo os esquecimentos formam uma visão panorâmica de significações a partir de traços peculiares, pois “existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo.” (BOSI, 2003, p.02) O tempo psicológico ao recordar destoa do tempo cronológico quanto ao cumprimento e ordem da sequência linear desta, pois o fluxo temporal da lembrança é carregado de revezamentos entre presente e passado, de retomadas e de ressignificações.

Halbwachs (2003) vai ao encontro de Bergson quando afirma que todo indivíduo tem sua própria noção de duração pelo fato de cada indivíduo perceber uma sequência de estados diferentes. A percepção de tempo caracteriza-se como algo individual e primitivo, no sentido de partir do interno para o externo. Halbwachs (2003, p.119) diz:

> Para sentir o que é o pensamento interior e pessoal, de início somos levados a deixar de lado e esquecer tudo o que lembra o espaço e os objetos exteriores. Esses estados sucessivos certamente constituem uma diversidade, são distintos entre si, mas de maneira completamente diferente das coisas materiais. São apanhados numa corrente contínua que passa, sem uma linha de separação marcada entre um e outro.

A continuidade de tempo de duração de lembrança é descontínua, isso explica a situação de uns lembrarem e outros não, pois cada um possui uma lembrança com durabilidade diferente. Nesse sentido, Ricouer (2007, p. 35) reflete que:

> Os seres humanos partilham a simples memória com certos animais, mas nem todos dispõem da sensação (percepção) do tempo. Essa sensação consiste no fato de que a marca da anterioridade implica a distinção entre o antes e o depois. Ora, o antes e o depois existem no tempo.

É a partir da percepção do movimento que conseguimos entender a passagem do tempo quando assim é determinada por nós, por isso a necessidade de cronometrar nosso tempo cotidiano, para que possamos ter noção de quanto tempo nos resta, ou, quanto tempo já gastamos.

A memória também não se reporta ao passado da mesma forma, devido ao seu mecanismo de trato particular para cada estado individual. Pelo fato de as lembranças serem diferentes, gera condição de completude no pensamento, por esse motivo uma lembrança puxa a outra e assim há continuidade.

Nossa memória é constituída a partir de uma composição social, porque somos engajados em vários grupos de vivências, ela é carregada por traços individuais que refletem uma percepção pessoal da passagem do tempo.

Pensar a memória na perspectiva de que o presente molda o passado denota a ideia de que a lembrança chega ao nosso interior mesmo sem termos ativado. Podemos comparar a chegada de uma lembrança com o momento inesperado em que aspiramos um cheiro que nos faz menção ao tempo passado. Nesse sentido, a noção de que a lembrança “do passado se faz presente” é insistente e incontrolável no ato de lembrar, por isso “o tempo próprio da lembrança é o presente, o único tempo apropriado para lembrar, e também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio” (SARLO, 2007, p.10).

É que acontece como as revisitações das memórias de Emílio em *Memórias de um velho,* pois apresenta as lembranças desenhadas pelo viés da ressignificação, uma vez que nos mostra suas impressões atuais com o olhar da velhice sobre aquilo que viveu desde a infância.

A respeito disso, Sarlo (2007, p. 20) reflete que o momento da fala se encontra no presente e ao se reportar ao passado é impossível não influenciá-lo com as marcas da subjetividade a narração de experiências passadas:

> A hegemonia do presente sobre o passado no discurso é da ordem da experiência e se apoia, no caso do testemunho, na memória e na subjetividade. A rememoração do passado não é uma escolha, mas uma condição para o discurso, que não escapa da memória nem pode livrar-se das premissas impostas pela atualidade à enunciação.

Existe uma ligação imprescindível do passado com a influência da percepção do presente alterado pelo subjetivo. O passado é uma realidade temporal que depende da memória e da história para ser tecido, porém são elementos conflituosos

entre si visto que a história não credita certeza na memória, enquanto esta desconfia da história por moldar a versão oficial desconsiderando os indícios subjetivos e justos na composição de sua reconstituição, pois de acordo com Sarlo (2007, p. 09) “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”.

Portanto, analisando a linha de estudos sobre o tempo e a memória, percebemos a variação de concepções acerca da investigação da passagem temporal associada à memória do que aconteceu e do momento presente. É interessante compreender que o tempo em Bergson (1999) nos direciona para a ideia de não há descontinuidade e que a duração das lembranças é sequenciada, sem rupturas ou falhas que ganha espaço na memória pura construída a partir do tempo imediato.

Bachelard (2007) ao analisar que o tempo não é único, mas plural e que se dá numa memória descontínua. Trouxe a noção de instantes e não de duração, pois existe pluralidade de durações que não tem o mesmo ritmo, nem o mesmo encadeamento por isso a duração seria caracterizada por vazios ou rupturas.

A noção de descontinuidade temporal também foi compartilhada por Halbwachs (2003) pelo fato de que cada indivíduo sentirá sua própria noção de duração, visto que o tempo é percebido de dentro para fora.

Contrariando a ideia de Bergson (1999) sobre a conservação das lembranças no decorrer do tempo, Sarlo (2007) reflete que a memória feita no presente sempre estará ancorada no passado e que o passado jamais será reportado da mesma forma como aconteceu, pois o presente é cheio de subjetividade e pessoalidade que influenciam a imagem que é feita do passado.

2.2 Memórias individual e coletiva: conexões possíveis

A contribuição do sociólogo Maurice Halbwachs (2006) aos estudos da memória é de grande valia. Para ele, a lembrança individual é resultado de seleções de testemunhos exteriores a nós. O fato de a memória individual sempre se amparar na memória do outro gera uma articulação com a vivência social, evidência de que “jamais estamos sós” (HALLBWACHS, 2006, p. 30), devido à influência do pensamento ou ideias de outras pessoas no exercício de rememorar que envolve membros dos grupos, como a família, a escola, as agremiações políticas, entre outros.

A lembrança é individualizada, mas necessita interagir com o social e com os grupos de vivência para que ela se construa de modo claro, mesmo não estando em contato com a presença física do outro, pois:

> Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível. Aliás, eles não seriam suficientes. Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACH, 2006, p. 31).

O momento da lembrança e o modo de se perceber as coisas são influenciados pelas experiências tidas à partir das mais diversas memórias disponibilizadas pelos grupos de referências. O outro tem papel imprescindível tanto no processo de elaboração da memória, quanto na rememoração.

Mas para que haja memória individual pautada em memória coletiva é necessário mais que os testemunhos apresentados pelos outros, é necessário também que a memória individual "não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum" (HALBWACH, 2006, p. 39). Para que a lembrança seja efetivamente reconhecida e reconstruída não pode ser costurada por pedaços, mas deve ser sentida e percebida em conjunto, só assim haverá convergência nos discursos e nos sentimentos.

Mesmo diante do exposto acima, há possibilidade de existir memória individual sem se basear na coletiva, pois quando guardamos impressões e sentimentos que não foram revelados aos outros e determinadas lembranças só farão parte do acervo pessoal, lugar onde mais ninguém influenciou pelo fato de não terem sido expostas ao coletivo ocorre o processo de memória individualizada.

Sobre isso, Halbwachs (2006, p. 42) questiona a afirmação de não existir memória individual sem estar relacionada a um grupo e diz que:

> A memória coletiva não explica todas as lembranças e talvez não explique por si a evocação de qualquer lembrança. Afinal de contas, nada prova que todas as ideias e imagens tiradas dos meios sociais de que fazemos parte e que intervêm na memória não recubram uma lembrança individual como um painel, mesmo no caso em que não o percebemos. O fato de se ter produzido, de haver surgido essa lembrança, ainda que uma única vez, bastaria para demonstrar que nada se opõe a que ela intervenha todas as vezes. Assim, na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de *intuição sensível*.

A intuição sensível configura-se como a evocação daquilo que seria o resíduo do fato verdadeiro, lembrado individualmente ocupando apenas um por cento da memória, ao passo que o relato dos companheiros é considerado uma reconstituição do passado que é tomado por noventa e nove por cento de reconstrução.

Quando acontece o choque entre as muitas correntes sociais com as quais se interage, podemos ter a sensação dos estados de intuições sensíveis que se apresentam como individuais por não estarem ligadas diretamente a algum outro ambiente ou grupo, por isso fazemos uma relação a nós mesmos.

O tempo em que ocorre a intuição sensível é referente ao presente por isso não é um estado ao qual podemos recorrer posteriormente e ter acesso, mas em situações em que não conseguimos encontrar referências no externo o que nos falta é recorrer a nós mesmos. Nessa situação pode existir o reaparecimento da lembrança puramente individual.

De forma ilustrativa, podemos exemplificar por meio de uma passagem da obra em estudo, *Memórias de um velho*, em que Emílio vaga por uma mata enquanto estava perdido e flagra a tentativa de abuso de um frade contra uma moça. Na ocasião ele narra que “(...) Uma réstia de luz, coada pelas frestas de uma parede de palha, guiou-me os passos e cheio de júbilo, ia pedir agasalho, quando ouvi vozes entrecortadas, que vinham de dentro. Colei-me à porta e vi e ouvi.” (FREITAS, 2008, p. 49). O momento revisitado por ele nos remete a uma lembrança puramente individual, pois são retratados detalhes vistos e vividos apenas por esse indivíduo. Apenas a ele essa lembrança poderá ser reportada desta maneira e com essas nuances de sons e sensações.

O que rege a ordem de sucessão de nossas percepções do mundo exterior são os fatos e fenômenos materiais, assim também como a ordem da natureza. Isso acontece porque nossas representações são reflexos das coisas. A memória das percepções é organizada numa lógica espacial ou material.

Há divisões de imagens como se fosse uma diversidade de peças que podem se encaixar e ligar-se uma a outra gerando uma ligação de lembranças de objetos ou grupos de objetos de modo que a evocação delas sejam coerentes para que haja uma memória coesa.

Nossa percepção está associada aos fenômenos do mundo exterior que não se encontram nas coisas, mas no pensamento coletivo o qual examina e diagnostica suas relações, por isso “a representação das coisas evocadas pela memória individual

não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas" (HALBWACHS, 2006, p. 61). O grupo social ao qual pertencemos nos ajuda a compreender melhor e organizar as noções das informações externas que chegam até nós. Após percebermos um fato logo o condicionamos à lógica que a sociedade já nos ensinou ou impôs, portanto toda recordação de lembranças que se referem ao mundo externo é pautada e explicada através das leis de percepção coletiva.

Os grupos sociais aplicam uma espécie de influência sobre o indivíduo que os integra. Por mais leituras, autonomia intelectual, conhecimento de mundo variado, sentimentos e gostos individualizados que tivermos sempre haverá marcas de influências deixadas pelos diversos grupos que participamos em nossas escolhas.

Devido à multiplicidade de contatos aos quais temos ligação acabamos emaranhando essas relações e sendo influenciados de maneira despercebida, por que vemos cada situação pela ótica do outro ou outros e/ concomitantemente à nossa própria ótica, por isso temos a impressão de não estarmos sendo influenciados. As mudanças de ambientes antes frequentados ainda reverberam em nós por muito tempo mesmo tendo cortado os laços:

> Se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACH, 2006, p.69).

Cada indivíduo encontra-se na condição de influenciado pelas lembranças dos grupos que participa, por mais que não seja uma relação de dependência absoluta a nenhuma delas, mas percebemos que somos resultados de um conjunto regidos pelos comandos da causalidade.

Confluente aos estudos de Halbwachs (2006) sobre memória individual e coletiva, Eclea Bosi (1994) oriunda do campo psicológico, também compartilha das mesmas ideias.

A autora considera a teoria de Halbwachs (2006) a grande quebra de paradigma ao apresentar uma nova proposta contrapondo os pensamentos de Bergson (1999) sobre a memória pura, presente em sonhos e devaneios, apta a ser

resgatada a partir das lembranças visto que estaria conservada no espírito. Segundo Bosi (1994, p. 54):

> Não há, no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos-que-lembram, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta, a rigor, um tratamento da memória como fenômeno social.

Nesse sentido, a força do social sobre o individual causa modificações na percepção, consciência e memória. A visão social sobre os estudos da memória trouxe novos ares aos elementos psicológicos supracitados, pois os fatos sociais são resultados de ações, maneiras de pensar e vivenciar que independem do indivíduo que sofre ou absorve as consequências do poder coercitivo social.

Halbwachs (2006) não se atem a investigar a memória do indivíduo enquanto ser corporal e espiritual, mas dá ênfase às relações interpessoais que o indivíduo desenvolve nos grupos de convivência familiar, escolar, religioso, profissional, visto que são essas instituições sociais que formam o sujeito e que proporcionam uma autonomia na vida atual, a partir do desencadeamento do curso da memória quando lembramos algo, porque alguém ou algo aciona uma lembrança em nós, não aparente.

Nesse sentido, a memória ganha caráter de liberdade e espontaneidade, por esse motivo:

> Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

Podemos refletir o pensamento de Bosi a partir da ideia de que nada escapa da impressão da passagem do tempo, logo, tudo é passageiro e modifica-se constantemente, assim, também, são nossas concepções perante as várias realidades que nos modificam e consequentemente, ressignificam a interpretação de algo lembrado no presente.

A lembrança em Bergson (1999) seria conservada totalmente se o sujeito mantivesse sem alteração seus hábitos, representações, ideias e relações. Já que isso não seria possível, Halbwachs mostra que a memória individual está ancorada na social, e esta seria influenciada por uma esfera macro de coletividade que seria a tradição pertencente a cada sociedade.

Até mesmo as imagens oníricas passam pelo crivo da influência do presente por mais que seja um estado que se aproxime da pureza pregada por Bergson (1999), a memória comparada às lembranças vagas da primeira infância pode-se analisar que:

> Umas e outras parecem subir, inexplicavelmente, à superfície da consciência sem guardar relações com o presente; umas e outras parecem ter-se mantido intactas no fundo da alma. No entanto, essa aparente indeterminação deve-se precisamente à fraqueza ou à quase ausência de vida consciente que acompanha o sonho e que caracterizava os estados mentais dos primeiros anos de vida. Tanto uns como os outros dificilmente se balizam ao longo da série cronológica que cada um de nós organiza quando reconstrói os fatos da própria vida (BOSI, 1994, p. 56).

Todavia, essa lacuna da consciência é preenchida pela autoanálise que é feita de si mesmo, sempre que o acontecimento remoto for sonhado ou lembrado. Como exemplo, pode-se citar o caso de sonhar com algum falecido. Esse sonho emergido gerará uma surpresa no sujeito que está baseada na percepção da novidade, mesmo no sonho não nos separamos daquilo que realmente somos na atualidade.

Como instrumento de maior potencial socializador, temos a linguagem que unifica a imagem lembrada ou sonhada aos espaços históricos e culturais. Por essa razão, pode-se afirmar que as imagens do sonho não são criação individual, já que são representações propostas pelas várias situações empíricas que envolvem os grupos que o sonhador frequenta.

As noções sociais estão impregnadas no sujeito mesmo no sonho. A relação de espaço, tempo, causa e consequência permeiam suas elaborações psíquicas traduzidas pela linguagem estando o sujeito acordado, apresentando características de linearidade e coerência, ou sonhando, despojando um modo mais frouxo, porém passível de compreensão.

Para mostrar a noção da releitura das lembranças, Halbwachs (2006) se utiliza da metáfora da leitura de livro feita na idade juvenil, comparada à leitura feita na vida adulta. A partir dessa analogia, compreende-se que devido às influências

sofridas com o passar dos anos, o sujeito não terá a mesma percepção visual nem cognitiva daquilo que se leu há um tempo, pois não se revive, mas sim se refaz a experiência vivida em outro momento:

> Quanto mais o adulto está empenhado a vida prática, tanto mais esta é valorizada em detrimento daquela. Não se lê duas vezes o mesmo livro, isto é, não se relê da mesma maneira um livro. O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez (BOSI, 1994, p. 58).

Todo sujeito que lembra empenha-se no serviço de refazer, na situação presente, fatos passados. Como, nem sempre se tem a presença de testemunhas para confirmar ou evocar o acontecimento, o que resta é reconstruir as faces do pretérito por meio das noções de presente cujas nos impõem a avaliação dos conteúdos memorialísticos.

A capacidade de lembrar é resultante não só de uma condicional exterior de um fenômeno interior, mas também das ideias globais traduzidas pela linguagem e que por possuir identidade objetiva essas ideias globais se transformam em lembranças.

O sociólogo Michael Pollak (1989) ressalta em sua teoria, o aspecto da memória que não é conhecida publicamente, das memórias que estão à margem por não atender aos anseios dos poderosos, dos ditos e não-ditos e da memória coletiva encoberta pela história oficial.

Em seus estudos, a memória a ser valorizada deve materializar-se nos rastros significativos de cada sujeito, grupo ou sociedade que vai contribuindo para a elaboração empírica de vida, para posteriores pesquisas históricas. Os rastros, muitas vezes são memórias esquecidas ou ignoradas e revelam informações destoantes da memória oficial, sendo assim os fatos sociais não devem ser tratados como coisas passíveis de observação, mas são processos que demandam uma análise mais detalhada da verdade, da mentira, do mundo existente, do submundo, do silêncio, das angústias, das meio-verdades. Acrescenta Pollak (1989, p. 03):

> Na abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva”. Na tradição europeia do século XIX, em

> Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva.

Os teóricos anteriores a Pollak (1989), não consideraram as memórias subterrâneas importantes para a construção da memória coletiva, pois só valorizam a memória oficial, como aquela em que a coletividade deveria confiar como versão generalizada da verdade sobre os acontecimentos sociais.

Além da coesão social, Halbwachs (2006) é criticado pela condição de que, a memória individual deve estar de acordo com a memória coletiva como critério, para que aquela memória se beneficie desta e construam um alicerce unificado.

De acordo com Pollak (1989), a noção de memória coletiva de Halbwachs (2006) vai de encontro com as atuais perspectivas de estudo, pois, para a concepção construtivista, os fatos sociais não são considerados coisas mas sim fatos, elaboração e formalização da memória, passíveis de análise e de investigação para que se chegue a conclusão de como eles tornam-se coisas, e por quem são firmados quanto à duração e à consolidação. Nesse sentido, o que interessa são os participantes da história que não foi instituída, pois é a partir deles que se chegam às várias versões de um mesmo evento social.

Constituída pela história oral, a memória subterrânea deu vida e colocou em destaque o discurso dos excluídos e marginalizados que consequentemente opõe-se à memória institucionalizada, nacional ou oficial. De acordo com Pollak (1989, p. 04), a memória subterrânea:

> Acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional e prossegue seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível aflora em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados.

A partir disso, os estudos acerca da memória voltam-se para os locais de disputa, portanto a memória comporta-se de modo competitivo diante de situações que envolvam crise e conflito entre memórias concorrentes. O exemplo tomado como ilustração para isso foi a imagem do governador Stalin, na antiga União Soviética foi mudando no decorrer do tempo, passando de “pai do povo” para tornar-se perseguidor político e autoritário. Em consequência, as memórias silenciadas anteriormente ganharam força para modificar a memória nacional. A derrubada do monumento do político contribuiu para que não houvesse imposição memorial nessa sociedade no sentido de representatividade conservadora porque com o passar do tempo e

mudança de contextos há alteração de sentidos e influências. Por isso, a importância da memória subterrânea, pois:

> Essa memória "proibida" e portanto "clandestina" ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades (POLLAK, 1989, p. 05).

Ofuscando a memória subterrânea, a memória oficial alia-se aos interesses políticos para gerar o esquecimento dos fatos que objetivam ofuscar por meio do silenciamento. Mas as lembranças transmitidas oralmente, de geração a geração condenadas ao silêncio, porém relutante ao esquecimento, são provas da resistência de uma sociedade civil que sofreu excessivas imposições de discursos oficiais.

Devemos entender que a memória oficial nem sempre será protagonizada pelo Estado, pois pode ser imposta por uma sociedade englobante. Assim como as memórias subterrâneas não somente devem ser atreladas à sociedade civil, mas também se pode entender por grupos minoritários. Tomemos como exemplo o nazismo. Muitas das vítimas desse período histórico voltam emudecidas com o objetivo de não gerar mal entendido sobre esse problema tão sério, por possuírem sentimento de culpa ou por quererem preservar os descendentes de crescer conhecendo essa história.

As testemunhas bélicas avivam as lembranças individuais e coletivas durante muito tempo. Contrapondo-se à memória coletiva, as memórias nacionais são lembranças relatadas no âmbito familiar, afetivo, político e grupos de associações. Já as lembranças tidas como proibidas, indizíveis ou vergonhosas são escondidas em conversas informais e camufladas pela sociedade englobante fazendo com as memórias subterrâneas não sejam iluminadas e torne-se de domínio público.

Aquilo que é dito e o que não é dito pelas testemunhas do horror de uma guerra ou de uma represália social circunda a angústia de não ter quem escute, o medo de ser punido e de ser mal interpretado, por isso:

> A fronteira entre o dizível e o indizível, o confesso e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre

> conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado (POLLAK, 1989, p. 08).

O mal que as memórias inaudíveis carregam em longo prazo, é que possuem seu discurso coerente até uma oportunidade em que possam expor em público e passar do “não-dito” a algo que possa ser contrariado, refutado. A tradição de credibilidade da memória oficial é algo indiscutível pela organização e aceitação popular, mas sendo a memória nacional motivo de interesse, trabalho e organização pode-se desbancar a história “real” vendida de modo duvidoso pela precariedade de sua montagem.

O papel da memória coletiva, assim como da nacional, define-se como uma:

> Operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar; se integra como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1989, p. 09).

Para que haja memórias em comum é necessário manter coesão interna e preservar as fronteiras afins do grupo e para tanto se faz necessário o fornecimento de um quadro de referência.

Por isso não é possível a fraude já que a história é agente de fornecimento de material desse tipo de memória e impõe credibilidade a depender da não contradição dos discursos dos associados de deportação ou de ex-combatentes.

Fisicamente, essas memórias em forma de discursos ganham corpo por meio de monumentos, museus, bibliotecas. Além disso, os filmes, tanto o filme-testemunho quanto o documentário, são instrumentos fortes de enquadramento da memória, visto que não apenas transmitem conhecimento, mas também reelaboram emoções que fazem com que a memória coletiva chegue a se questionar, a conhecer melhor os acontecimentos e a despertar sentimentos.

Nesse sentido, segundo Pollak (1989, p. 10):

> Vê-se que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. Assim, o denominador comum de todas essas memórias,

> mas também as tensões entre elas intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural.

Mas devemos constatar que nenhuma organização social consegue garantir a eternidade de sua memória, a não ser que se transforme em uma figura lendária para sobreviver ao seu desaparecimento.

Assim como a memória social coletiva deve manter coerência, a memória social individual também, por mais que sejam mais limitados os pontos de variações. Em entrevistas sucessivas a testemunhas de guerra que repetem várias vezes o mesmo acontecimento há eventuais variações, mesmo que seja no tom de voz. O trabalho da própria memória em si requer mínimo de equilíbrio possível para que haja coerência discursiva, eis aí o maior problema encontrado pelas vítimas traumáticas de guerra ao relatar o mesmo acontecimento sem cair em contradição.

Nesse sentido, a memória em Pollak (1989) ilumina os resquícios, os rastros de memórias que não são oficializadas socialmente. A versão do indivíduo social deve passar de caráter subterrâneo para emergir e contribuir socialmente e historicamente.

Enfim, podemos concluir que a memória coletiva em Halbwachs (2006) sempre é reforçada a partir do outro e que deve haver uma confluência entre as lembranças do grupo e as do indivíduo para que haja coesão. O teórico pauta-se na ideia que nosso exercício de rememorar sempre será influenciado pelo pensamento de outras pessoas, por isso gera lembranças em comum. A memória individual caracteriza-se por não sofrer influência e não precisar de testemunhos visto que é constituída de experiências ligadas aos sentimentos e impressões particulares.

Halbwachs (2006) contribuiu significativamente com os estudos de memória coletiva, ao apresentá-la como algo que se ampara na memória do outro e que sempre vem articulada com a vivência social. Essa teoria ganhou concordância da pesquisadora Eclea Bosi (1994) que se baseou nos estudos de quadros sociais da memória, para aprofundar-se nos estudos sobre as lembranças de velhos no qual aborda a temática sobre memória e sociedade.

Em contraponto, Pollak (1989) faz uma crítica sobre a memória coletiva de Halbwachs (2006) como sociedade, enquanto uma experiência particular de sujeitos sociais. Nem sempre a memória coletiva dará conta de modo totalizante de todas as memórias de grupos, pois defende que há coesão e divulgação da versão seja interessante para as autoridades de poder de uma sociedade. Sendo assim, é

problematizada a verdade absoluta ditada pela memória solidificada, cristalizada e enraizada em uma sociedade porque reforça o discurso do poder.

Portanto, pudemos perceber que nos vários conceitos sobre memória, há contribuições confluentes que contribuem para formar um caminho de conexões a cerca não só nos estudos a respeito do velho na literatura, mas de um vasto campo de pesquisa sobre os inúmeros aspectos da memória.

3 MEMÓRIA DE VELHO NA LITERATURA

O estudo acerca das lembranças dos velhos envolve o ato de rememorar, essa atividade não é realizada às escondidas durante os sonhos longe da vida cotidiana, mas integra a rotina de ocupações do idoso que ilumina sua vida a partir do próprio passado, continuamente.

O ato de lembrar tem caráter social. Essa função é assumida pelo idoso que, dada a sua condição, deixa de ser sujeito ativo nos grupos sociais e torna-se portador da memória viva dos grupos aos quais pertence.

A partir da contribuição memorialística do idoso é promovida a persistência das características intrínsecas a um determinado contexto para que possa perpetuar a história dos adultos, do presente e das gerações posteriores.

Porém, o desvalor, o esquecimento e o emudecimento dos velhos causado pelo sistema capitalista, cujo lema é a produtividade, muda o seu papel, tanto na sociedade como na literatura, salvo em casos de conservação da valorização da sabedoria do velho e da transmissão dos conhecimentos dos mais velhos aos mais novos em tribos e sociedades primitivas.

Diante dessa situação de desvalorização do velho podemos nos questionar: Que papel é assumido pelo velho na literatura? Qual seu lugar de fala? De que modo o velho é retratado na literatura? De que forma é composta sua narrativa de experiências?

O exercício do velho ao narrar suas experiências não deve ser justificado somente pelo acúmulo de histórias vividas que ele tem a repassar, mas também se deve reconhecer que a partir das histórias que são revelados, seu modo de ver a vida, a maneira de serem, suas expectativas, visão de mundo e como se relacionam com o outro, além disso, mostram que são testemunhas dos acontecimentos históricos e sociais e guardiões da memória social.

3.1 “A memória é uma vasta ferida”: relações entre memória e velhice

Desde o século XIX, o velho é entendido numa vertente de enfraquecimento físico, social, cognitivo e representado pela dependência, improdutividade, abandono e declínio. Em decorrência da industrialização, muitas transformações ocorreram na reconfiguração das relações familiares entre as gerações no sentido de passarem a habituar-se ao controle do tempo baseado nas atividades cotidianas, primar pela vida produtiva econômica que exige racionalidade. Desse modo, a velhice passou a ser

representada pela ociosidade, descarte, inutilidade, em decorrência do capitalismo que assola a sociedade. De acordo com Bosi (1994, p. 77):

> A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse, propriedade, constitui, segundo Sarte, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais ideias da classe dominante, agem como loucas porque delineiam assim o seu próprio futuro.

A falta de empatia com a velhice causa sua desvalorização, pois ao mesmo tempo em que a sociedade prega o respeito ao idoso, também o exclui das discussões e cargos ou atitudes de autonomia fazendo com que ele assuma um papel de mera passividade. Não ter quem os escute causa solidão e faz com que o idoso acumule histórias para narrar. Bachelard (1988, p.102) chama atenção para:

> Aquela solidão característica dos sonhadores que sonham palavras. A solidão dos poetas que, associando memória e imaginação, desperta a criança presente no homem e reintegra este último à natureza.

A solidão, evidenciada pelo desprezo dos que convivem com o idoso é ponto chave para o emudecimento de uma diversidade de histórias e experiências prontas para serem compartilhadas por aquele que hoje, ocupa-se da elaboração de lembranças.

A velhice é inerente à condição humana, é um fator natural que decorre a "cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida" (BENJAMIN, 1994, p. 29). Ao longo da vida há diversas crises de identidade, a do velho gira em torno de sentir-se inútil e diminuído perante a tudo que exige dele para continuar sendo homem ou mulher.

Na sociedade do consumo, o simples fato de dividir o convívio com uma pessoa mais velha gera desconforto, como Souza (2003, p. 01) reforça:

> A velhice do outro se torna uma lembrança antecipada da própria velhice e o contato com a pessoa idosa abala as fantasias defensivas que são construídas como muralha contra a ideia de sua própria velhice. Por trás da necessidade obsessiva de acreditar na eterna juventude e rejeitar a face da velhice, encontra-se certo desejo inconsciente de fugir à inexorabilidade das leis da natureza.

A relação estabelecida entre a maioria dos adultos com os idosos é de uma tolerância sem muita proximidade, ao ponto de não aceitar um conselho, dar início à discussão sobre alguma temática ou até mesmo confrontar ideias.

A vida adulta gira em torno do tempo presente, da pressa, das atividades que geram estresse para se alcançar um objetivo de vida que o projeta para um futuro de qualidade e estabilidade financeira. Em geral, quando o adulto se utiliza da memória é com o propósito de explicar ou fazer relação com alguma situação do presente, sem muito envolvimento ou apreciação. Ao contrário do velho que encontra-se na atividade de rememorar, retendo-se ao tempo a partir das lembranças, visto que fica à margem das atividades sociais.

A indiferença torna-se irônica ao percebermos que os papeis sociais são cíclicos. Na contramão da visão marginal que a sociedade tem acerca do idoso, a riqueza de sua memória se dá como função social. Para Pinho (2011, p. 35):

> O velho, ao preparar um local onde se disponibiliza para a encenação da memória coletiva e individual – o banco, a rede, a calçada, o alpendre, a varanda - se oferece para contar sua trajetória ao mais jovem como uma espécie de biblioteca viva, acervo questionado por outras tecnologias de guarda de conhecimento (o livro, a escola e o computador), mas, dificilmente, descartado de seu local de atuação.

Ao alcançar a maturidade, o homem sai de cena para ver seus pares atuando até as cortinas se cerrarem. É nesse momento que o idoso se encontra para desempenhar a função própria de lembrar. Por não promover mais a movimentação da sua própria vida e da vida dos que o cercam, o velho passa a ser a memória viva dos grupos que faz parte como o da família, das instituições e da sociedade.

Quando o velho se dispõe a narrar suas experiências, as coloca na condição de memória viva, como uma biblioteca em que seu acervo está repleto de conhecimentos vários. Mas a arte de contar histórias ainda é valorizada? Talvez tenha decaída devido à falta de troca de experiências orais cujas atitudes são silenciadas pelo mundo da tecnologia, das guerras, da burocracia. Numa geração bombardeada por informações externas é reservado pouco tempo para ouvir àqueles que anseiam por partilhar seus conhecimentos.

Sobre a arte de narrar, Walter Benjamin (1994, p. 198) fala sobre a falência do ato de narrar, pois em situações corriqueiras em que se pede para alguém fazer uma simples narração “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. A razão para

isso é a falta de troca de experiências. O autor exemplifica com os jornais que trazem informações externas e superficiais quando diz que:

> A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1936, p. 203).

A informação não passa pelo crivo do ouvinte, sendo assim gera notas de interesse segmentado, não desperta o senso crítico e possui valor fugaz e de rápido esquecimento, contrariamente à narrativa que não se consome com agilidade e permite a possibilidade de imaginar, inferir e instigar aquilo que é relatado de modo individualizado.

Outro exemplo dado pelo teórico sobre a falta de trocas de experiências são os guerrilheiros que voltam da guerra emudecidos, e que mesmo sem ter como núcleo de conteúdo a narração mais genuína boca a boca dos envolvidos, inúmeros livros sobre a temática bélica foram publicados, resultando em uma narrativa pobre quanto ao seu papel original. Para que haja narração é necessária a permuta de experiências e quanto mais a escrita se aproxima da narrativa oral, melhor se torna a história.

Segundo Benjamin (1994), há dois grupos de narradores que se cruzam: o viajante e o sedentário: o estilo de narrador viajante é aquele que vem de longe e traz novidades dos lugares por onde passou, sempre com uma história diferente sobre a cultura, geografia, política de povos distintos. Pode ser exemplificado pela figura do marinheiro mercante e para o sistema corporativo serve por trazer a ciência de outras terras. O outro grupo é do narrador sedentário, aquele que conhece a raiz da história do seu lugar, do seu povo e que guarda os conhecimentos referentes à cultura local, como por exemplo, pode-se citar a figura do camponês sedentário.

O saber dos dois estilos de narradores se interpenetra pelo fato de que o marujo traz a ciência de outras terras e une-se aos conhecimentos antigos e enraizados do camponês.

O ato de narrar tem como suporte basilar a oralidade, pois aquilo que é narrado é extraído da própria experiência do narrador que resulta em vivências daqueles que o ouvem. Um bom narrador é aquele que sabe dar conselhos porque

carrega consigo ensinamentos práticos e utilitários, mas se hoje o conselho não é mais valorizado:

> É porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuidade de uma história que está sendo narrada. [...] O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria (BENJAMIN, 1936, p. 200).

A sabedoria perde as forças à medida que é substituída pela opinião em que tudo passa do verdadeiro para o relativo e assim cada um se isola em sua própria opinião deixando de partilhar suas experiências e consequentemente exaurindo a narrativa das vivências.

O romance, produto da modernidade e da imprensa, distanciou cada vez mais a tradição oral épica para devolver ao leitor/ouvinte uma prosa repleta de suas próprias experiências resultantes de seu isolamento social. É distinto dos outros gêneros textuais narrativos por não ter como origem a oralidade.

A narração é semelhante ao ofício manual, pois “ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1936, 205). O homem moderno não tem tempo ou paciência para ouvir, assimilar e ouvir novamente as narrações que eram feitas durante o trabalho de tecer e fiar dos artesãos, por isso o ato de narrar perdeu-se.

Articulando com a ideia de Pinho (2011), o velho se encontra numa situação de existência vívida de sabedoria em que sua própria história, gestos e olhares estão aflorados para transmitir por meio da autoridade dada a ele no ato de narrar.

Embora, na sociedade moderna o velho tenha se tornado desvalorizado, nas tribos primitivas os idosos são tidos como guardiões das tradições, visto que já tiveram determinadas experiências antes dos outros, como também por só eles terem o tempo disponível para trocar lembranças com os outros da mesma faixa etária e por repassar ensinamentos aos mais jovens nos rituais de iniciação.

Jacques Le Goff (1990) teoriza sobre a mudança do papel do velho nas organizações primitivas. Nas sociedades tradicionais da Antiguidade, o idoso era considerado autoridade sobre a memória coletiva e tinha o poder de decisão social a partir dos conselhos formados pelos mais antigos. Na Idade Média, os idosos também cumpriam papel fundamental no âmbito jurídico.

Em consonância às ideias de Le Goff (1990), Halbwachs (2003) faz um comparativo da relação de estima dos velhos em tribos primitivas com os da nossa sociedade em que também valoriza a experiência de vida e as lembranças guardadas. Em seu texto é apresentado a figura do idoso apaixonado pelo passado porque é por meio da memória que pode manter seu único prestígio social.

No entanto, Le Goff (1990, p. 169) chama atenção para a situação de que “não podemos, porém, pensar que mesmo nas sociedades antigas ou arcaicas não existia também uma face nefasta da idade, da antiguidade”. Mesmo sendo tratados com respeito, não era dado o prestígio ou exaltação real ao velho, haja vista que em sociedades guerreiras o adulto sempre ganhava enfoque em comparação à criança e ao idoso. Mesmo nas sociedades antigas o idoso somente participa oscilando entre a sabedoria e a velhice.

Um aspecto interessante a se pensar é que sobre o velho recai a responsabilidade e a obrigação de lembrar-se. Contrapondo-se ao homem ativo da sociedade que não tem tempo para deixar fluir suas lembranças, o homem distanciado dos afazeres do cotidiano refaz seu passado. Como assevera Bosi (1994, p. 74), o ato de lembrar, do velho, é tão importante que:

> Há dimensão da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente.

O passado revisitado pela memória do velho não pode ser caracterizado apenas como nostalgia, pois a partir das lembranças expostas no presente é que as identidades são construídas, o outro é reconhecido, os costumes são instaurados.

A essência da cultura é encontrada na memória do idoso. Mesmo com o passar do tempo e dos registros concretos por meio de datas, escritas e documentos, sempre haverão resquícios do passado que pode ser revisitado a partir de uma fotografia, uma rua, um cheiro, um jeito de ser, pois os órgãos sensoriais são gatilhos da memória.

O fazer lembrar a partir dos cinco sentidos humanos - visão, audição, olfato, tato, paladar – é a relação intitulada de gradientes sensoriais em que o homem se percebe no espaço. De acordo com Borges Filho (2009, p. 170):

> Cada ser percebe diferentemente o mesmo espaço. Dois seres colocados ao mesmo tempo no mesmo espaço terão opiniões diversas sobre ele. E isso, que vale para as pessoas, vale igualmente e com mais razão para os grupos sociais. Essas variações se devem tanto à formação cultural de cada um que, ao longo dos anos, foi recebendo padrões de interpretações específicos, quanto à própria constituição física, genética de cada ser particular.

Os sentidos podem possuir características distintas entre os seres pela subjetividade e perspicácia interior ao analisar cada lugar onde está inserido, mas em regra geral nossos sentidos também são comuns por sermos pertencentes à mesma espécie. São características que nos definem de modo abrangente como humanos, como o fato de termos o olfato menos aguçado que o dos cães. A lembrança pode nos acometer pelos cincos sentidos de modo especial, de acordo com Borges Filho (2009).

A visão é canal de maior importância porque é a partir dele que nos reconhecemos no mundo e são repassadas informações para os outros sentidos. Ao visualizar uma fotografia várias informações a respeito da ocasião, da voz ou do cheiro de alguém, dos sentimentos vividos naquele momento são despertadas a ponto de provocar reações como o riso ou o choro.

A audição é menos perceptiva que a visão, por ter sido um órgão pequeno, quase não fazia movimento, por isso pouco utilizada pelos primatas. Mas em contrapartida é através da audição que somos mais sensibilizados do que pela visão. Quando se escuta uma música, um tom de voz parecido com o de alguém lembrado, o barulho de um fenômeno da natureza aciona a excitação humana gerando sentimentos e atitudes.

O olfato humano tem por característica primordial a sensibilidade e está associado à ideia de alimentação e acasalamento. “Outro dado muito interessante ligado ao olfato é que o odor pode mais facilmente que os outros sentidos evocar lembranças carregadas emocionalmente” (BORGES FILHO, 2009, p. 178). A partir da sensação do cheiro, várias gavetinhas são abertas em nossa lembrança com interpretações particulares acerca do espaço ao qual nos inserimos ou de algo ou alguém recordado.

O tato é o órgão desenvolvido com força e habilidade pelos primatas para poderem apropriar-se do espaço ao qual pertenciam. Além disso, o manuseio dos objetos por todos os lados é realizado pelos homens de modo inigualável por outro animal. O atrito entre tato, pele e músculos revelam gradientes sensoriais ligados ao quente e frio e variadas texturas que ativam lembranças carregadas de informações ligadas ao espaço, envolvimento físico e sentimentos reforçados pela figura das temperaturas.

O paladar é responsável pelas nuances das papilas gustativas que revelam os quatro sabores básicos: amargo, azedo, salgado e doce. Essa gradiente sensorial pode situar-se no sentido denotativo ou conotativo. Denotativamente, a memória é ativada ao sentir o gosto de algo que foi realizado no passado, como o gosto de uma fruta que fora saboreada no alto de uma árvore na infância. De modo conotativo os sentidos não se aproximam diretamente com o paladar, mas pode ganhar associação do sabor do doce a algo bom e do amargo ou azedo a algo ruim.

Os sentidos funcionam como elementos de evocação temporal que dificilmente se utilizarão apenas de um deles para tal. Mesmo tendo alguns dos cinco sentidos já desgastados, sem força, sem nitidez e com alterações, a memória do homem velho busca ancorar-se em algum deles para ser capaz de realizar associações entre as lembranças acionadas por um dos sentidos despertados.

Toda discussão supracitada acerca da rejeição dos velhos, sua função social, o ato de narrar, os gradientes sensoriais e as lembranças de uma época nos faz refletir que pessoas de uma mesma geração irão desaparecendo aos poucos até que apenas algumas restarão para testemunhar um estilo de vida, pensamentos e ideologias de um tempo. E o que ocupará a lacuna de modo cíclico e ligeiro são os jovens que olharão para trás com surpresa e curiosidade; os antigos serão julgados axiologicamente enquanto os mais novos receberão um olhar desgarrado como se olhasse sem ver, na busca daquilo que não mais existe.

3.2 Memória e esquecimento

Uma das características da memória é a seleção de informações, pois guarda o que é importante e esquece o que traz desconforto, o que não é importante ou o que pode ser acionado por alguma situação.

A exclusão das memórias que não são úteis, resulta no esquecimento que é necessário por proporcionar o revezamento de lembranças. Seria um grande

problema se não houvesse a possibilidade de revezamento de memórias, sendo todas acumuladas, como acontece com *Funes: o memorioso*, no conto fantástico de Jorge Luís Borges (1994, p. 94) que narra a história de um rapaz que possuía uma memória fora do comum, mas não conseguia associá-la à sua inteligência, pois era capaz de lembrar inúmeros textos porém não conseguia formular seus próprios conhecimentos, como ilustra o trecho a seguir:

> Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e também as lembranças mais antigas e mais triviais. Pouco depois constatou que estava aleijado. O fato apenas o afetou. Discutiu (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis. [...] Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, tinha requerido um dia inteiro.

Essa narrativa exemplifica a noção da época à respeito da memória pura bergsoniana e do homem como detentor, controlador e prisioneiro de sua própria memória.

Assim como no *Bloco mágico*, de Freud (1997, p. 02) que funciona como suporte para arquivar a memória "que preservará intacta qualquer nota efetuada sobre ela por uma duração indefinida de tempo", também é o aparelho mental de Funes que possui capacidade sem limites para novas informações e guarda o registro dos conteúdos mnêmicos permanentes.

Funes não ressignificava suas memórias, era incapaz de construir ideias subjetivas e platônicas ou até mesmo esquecer, pois perdera a capacidade de revezamento de memórias, tornando-se apenas um reservatório de informações. Mesmo sofrendo alterações, pelo fato de as narrativas serem seletivas, somos incapazes de lembrar ou narrar tudo, por isso a importância do esquecimento.

A respeito da discussão sobre memória e esquecimento Seligmann-Silva (2003, p.62) explica que "o registro da memória é mais seletivo e opera na *double bind* entre a lembrança e o esquecimento, no tecer e no destecer". O duplo vínculo entre o lembrar e o esquecer compõem o sistema memorialístico como um arquivo em rotação de conteúdos, pois as novidades que acontecem na vida presente do sujeito interferem como reelaboração de seu passado.

O mecanismo da memória é via de mão dupla, pois o papel do esquecimento é de suma importância porque existem arquivos que ao serem apagados livram o

sujeito de situações ruins, ao mesmo tempo em que o exercício de preservação da lembrança também é essencial porque ajuda o ser a se situar de forma clara no mundo e a não repetir os erros do passado. O próprio teórico orienta que devemos lembrar-nos de esquecer, da mesma forma que não devemos esquecer-nos de lembrar.

A complexidade nessa questão encontra-se em descobrir o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, o que será útil para ações futuras e o que é pode ser descartado. A escolha do que será apagado e do que será lembrado é um risco por envolver ação de manipulação do próprio sujeito.

Acerca do problema do esquecimento, o filósofo Paul Ricouer (2007) faz uma análise sob o viés da memória a partir da fenomenologia, da história através da ótica da epistemologia das ciências históricas e do esquecimento por meio da hermenêutica dos estudos históricos.

Em sua investigação fenomenológica, Ricouer entende a memória a partir dos mecanismos que compõem a lembrança que dá mais ênfase ao que é lembrado para depois analisar a quem pertence determinada lembrança, ou seja, a memória é mais valorizada como função de ligação com o passado.

No estudo sobre as relações memoriais, a imaginação é o elemento mais desafiador pela dúvida quanto à veracidade da elaboração do que é lembrado, visto que há um fosso entre o lembrado e o vivido que abre lacunas para questionar sobre a memória pura, como Ricouer (2007, p. 40) explana no seguinte trecho:

> Uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória, que nos liga ao que passou antes que o transformássemos em memória. Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. Ninguém pensaria em dirigir semelhante censura à imaginação, na medida em que esta tem como paradigma o irreal, o fictício, o possível e outros traços que podemos chamar de não posicionais.

A intenção de reportar-se ao passado de maneira fidedigna é uma tentativa de reelaboração do passado, porém a dimensão do problema dessa recomposição dá-se na palavra “deficiência” ao referir-se ao esquecimento como área do cérebro não iluminada e por esse motivo suscetível em deixar escapar informações antes mesmo de se consolidarem como memória.

Ao contrapor a memória à imaginação, o teórico afirma que aquela busca correspondência no fato e na verdade, enquanto esta tem como protótipo o fictício sem compromisso com a realidade.

Além do delicado papel da imaginação que interfere no processo de rememoração, também se deve considerar a condição da distância temporal entre o vivido e o lembrado, que deixa espaço para o revezamento entre a lembrança e o esquecimento. É lacunar o processo de reelaboração do passado porque as coisas evocadas são conservadas ou apagadas, sob a influência da fantasia ou da imaginação.

Nesse sentido, a história contesta o teor de verdade da memória e a legitima como evocativa mesmo apresentando deficiências como o esquecimento ao estabelecer reconhecimento do passado.

Ricouer (2007, p. 27) diz que “o problema do esquecimento é colocado desde o início, e mesmo duplamente colocado, como apagamento dos rastros e como falta de ajustamento da imagem presente à impressão deixada como que por um anel na cera.” O teórico investiga as abordagens do esquecimento e o estudo dos rastros que desperta para o ato de esquecer, afirmando que a memória pode ser falha. Pode-se entender que o esquecimento possui duas causas: o apagamento de rastros intencional ou o revezamento de memória de maneira seletiva; ou o não encaixamento da memória nos moldes porque algo escapou ou se modificou, atestando a noção de falso e verdadeiro.

Os rastros podem ser interpretados a partir da maneira como as lembranças são transmitidas. São classificados em três dimensões: rastros escritos e eventualmente arquivados que se tornou parte do plano historiográfico; rastro psíquico também chamado de impressões enquanto afecção quando somos marcados por algum acontecimento; e o rastro cerebral e cortical estudado pela neurociência.

A primeira dimensão está ligada aos trabalhos históricos, registrados em suporte material e usados com finalidade de comprovação de algo; as impressões enquanto afecção refere-se ao momento do recalque do anel de cera, podendo-se interpretar como algo marcante sentido na alma; a impressão cerebral e cortical diz respeito à conexão das impressões do mundo empírico às impressões materiais no cérebro.

Acerca da discussão sobre o rastro como elemento da memória situado entre a presença e a ausência, Gagnebin (2009, p.44) assevera que:

> O rastro, na tradição filosófica e psicológica, foi sempre uma dessas noções preciosas e complexas – para não dizer, em boa (?) lógica cartesiana, obscuras – que procuram manter juntas a presença do ausente e a ausência da presença. Seja sobre tabletes de cera ou sobre uma "lousa mágica" – essas metáforas privilegiadas da alma -, o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente, de presença e de substancialidade que caracteriza a metafísica clássica. Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem - o conceito - de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro.

A ideia de rastro de Gagnebin (2009) é um questionamento metafísico sobre a origem de algo presente em determinada circunstância, mas que está ausente e vice-versa. O estudo do rastro da memória reforça a noção da realidade impalpável da lembrança daquilo que não mais existe e que pode a qualquer momento ser absolutamente esquecida. Além de mostrar a fragilidade da essência da memória, da escrita e do próprio rastro que obriga, de certa forma, o historiador a lutar contra o esquecimento e a contradição.

Os rastros devem ser valorizados porque a partir da lembrança do passado é que nos sustentamos e somos levados para o futuro. As memórias não advêm somente de choques como as de uma guerra, mas também dos resquícios dos sofrimentos diários, por isso a retomada ao passado nos fortalece em tomar novas direções para não repeti-lo e sermos capazes de reinventar o presente.

Retomando a ideia sobre esquecimento e rastros, Ricouer (2003, p. 06) relata que:

> A noção de rastro e esquecimento têm em comum é, antes de tudo o mais, a noção de apagamento, de destruição. Mas este processo inevitável de apagamento não esgota o problema do esquecimento. O esquecimento tem igualmente um polo ativo ligado ao processo de rememoração, essa busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas.

Nesse sentido, pode-se perceber não só o teor de complexidade do esquecimento, como também do seu sentido e significado tanto no âmbito memorial quanto histórico. A reflexão deve ser tomada a partir da ideia de busca dos elementos

deixados pelo caminho da memória em que na rememoração busca rastros e vestígios que são movidos para fora no próprio curso da tentava de apagamento.

O esquecer em Ricouer não se configura apenas como uma falha, muito menos como acaso das funções cerebrais as quais a lembrança possa estar submetida. Mas ampara-se diretamente na compreensão e na definição das situações históricas que guiam as extremidades das associações e disjunções da memória.

A maneira como a memória é tratada de acordo com as circunstâncias (sociais, culturais, etc.) é fator determinante para distinguir o que será lembrado e o que será esquecido, assim também acontece com a história de acordo com a maneira como é conduzida. Para que essas condições sejam realizáveis é necessário que o sujeito compreenda que a passagem do tempo faz dele um ser histórico para assimilar sua postura diante do passado e do futuro.

Reportando-se ao esquecimento ligado a um fator social podemos considerar que o espaço físico ocupado pelo sujeito ao longo de sua vivência também pode gerar fragmentos da memória como explica Bosi (1994, p. 443) ao dizer que:

> O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças.

O espaço ocupado pelo sujeito e sua família durante anos, abriga informações sobre sua história, mas as constantes mudanças da vida moderna não permitem o enraizamento do sujeito num determinado lugar resultando na sedimentação dos rastros, enfraquecimento da história familiar e do próprio percurso de vida.

A raiz humana é criada a partir da participação ativa na coletividade ao qual é integrado que conserva relíquias do passado a fim de manter a tradição para o futuro. Essa participação dá-se de modo natural desde a escola onde se estudou até a profissão escolhida.

Podemos tomar como exemplo uma criança retirante que frequentou poucas vezes um número variado de escolas pela inconstância domiciliar da família. Ao tornar-se adulta, muito dificilmente esta criança terá imagens nítidas ao recordar sua infância, muito de sua identidade terá sido esquecida nesse entremeio temporal devido o desenraizamento sofrido por ela. As consequências disso será o roubo das

suas próprias lembranças que foram apagadas devido a falta de âncora para poder sustentar-se.

O apagamento acima retratado versa sobre um tipo de esquecimento traumático e causado por fatores externos à vontade do sujeito. Compartilhando da mesma ideia, Gagnebin (2009, p. 101) traz a temática da necessidade de não esquecer o contexto bélico exemplificado em Auchiwitz ao aludir que:

> Se essa luta é necessária, é porque não só a tendência a esquecer é forte, mas também a vontade, o desejo de esquecer. Há um esquecer natural, feliz, necessário à vida. Mas existem também outras formas de esquecimento, duvidosas: não saber, saber, mas não querer saber, fazer de conta que não se sabe, denegar, recalcar.

A autora chama a atenção para a importância dos depoimentos das testemunhas oculares para não quererem esquecer e prosseguirem na missão de trazer à tona o relato do horror em busca de justiça.

Comungando com esse pensamento Pollak (1989, p. 07) diz que “no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento”. A fim de não deixar sucumbir tamanha catástrofe as testemunhas mais idosas encorajam-se para impedir que o esquecimento se abata a partir da denúncia das atrocidades.

A resistência à memória daqueles que sofreram o horror da guerra é evidente nas narrativas que buscam reavivar a discussão sobre a ditadura civil-militar. Por que as vítimas almejavam tanto ao esquecimento? Pelo pesar do passado que seria doloroso demais reconstruir no presente, pela dor sem medidas que resulta no sofrimento indecifrável.

O esquecimento tanto pode ser provocado por não mais querer lembrar como no caso dos combatentes vistos na proposição acima, como também pode ser parte do processo natural do envelhecimento.

O apagamento de informações é uma das queixas mais comuns dos velhos. Em seus relatos mais cotidianos sempre mencionam a situação de esquecer nomes próprios, a panela no fogo, um branco quando estava no ônibus e não se atentou ao ponto de descida.

Freud (1901, p. 09-10) deixa claro que o processo de esquecimento não é arbitrário, já que obedece a regras. O caso de esquecimento de nomes próprios ou erroneamente lembrados é analisado a partir do próprio exemplo ilustrado no trecho abaixo:

> O nome que tentei lembrar em vão, no exemplo escolhido para análise em 1898, foi o do artista que pintou os afrescos magníficos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de Orvieto. Em vez do nome que eu procurava - Signorelli -, impunham-se a mim os nomes de dois outros pintores - Botticelli e Boltraffio - embora fossem imediata e decisivamente rejeitados por meu juízo como incorretos. Ao ser informado por outra pessoa do nome correto, reconheci-o prontamente sem hesitação.

Para explicar as influências e associações feitas mediante o esquecimento, Freud (1901) dá as seguintes justificativas: (a) o motivo do esquecimento do nome Signorelli não pode deve ser associado ao nome em si, visto que ele tinha familiaridade tanto com o nome da cidade quanto dos pintores; (b) o esquecimento só foi entendido quando Freud se lembrou da conversa anteriormente travada, isso explica o motivo da confusão com os nomes. (c) supõe que a sequência de pensamentos sobre as tradições dos turcos na Bósnia pode ter atrapalhado a concentração. (d) reconhece que para ocasionar o esquecimento, Freud queria esquecer algo, havia algum motivo para influenciar esse processo de esquecimento. (e) ele crê que o motivo da troca dos nomes tenha sido o conteúdo da conversa que estava tendo cuja tem relação entre o nome esquecido e o tema do recalque (morte e sexualidade).

Nesse sentido, Freud contesta a explicação psíquica usual contemporânea a ele que considerava o esquecimento como uma perturbação da atenção. O enfoque de Freud se dá na explicação do recalque como motivo do esquecimento e não como algo casual no ser humano. Essa motivação será buscada de modo individualizado em cada pessoa porque cada caso diferencia-se do outro.

Ao longo do texto, Freud explica que há diversas situações em que algo insiste no inconsciente no processo de esquecimento e ao mecanismo do recalque. O recalque consiste em um impulso vivido em determinada época da vida que foi negado e causou sensação de desprazer, sendo assim ficou guardado. Ou seja, o recalcamento seria a negação de uma pulsão do nosso cérebro, como se fosse uma barreira muito difícil de ultrapassar.

Assim, o esquecimento pode acontecer quando associa determinada representação a um desprazer guardado no inconsciente. Essa representação pode vir à consciência de modo deslocado, como exemplificado no caso de Freud.

Os fenômenos quanto ao esquecimento dos nomes, os lapsos na escrita e na fala podem ocorrer em qualquer idade e até mesmo com pessoas sadias. Apesar dos

estudos de Freud sobre a temática, ainda há pouca literatura destinada ao assunto, mas existe para o esquecimento do idoso um caminho amplo à elaboração a cada vez que uma história é repetida ou recordada.

Na investigação freudiana a análise dos esquecimentos é feita por meio da oralidade quando os pacientes fazem o exercício de relatar o acontecido, mas quando nos reportamos a textos escritos podemos perceber que existem marcas que indicam esse problema.

Em textos narrativos, uma das marcas linguísticas que podem sinalizar esquecimento por parte do personagem são as reticências, que são sinais geralmente empregados em textos literários para indicar a noção de suspensão de pensamento, o caráter subjetivo, a incompletude de informação ou uma pausa. Acerca disso, Almeida (2004, p. 01) expõe que:

> As reticências são fundamentais, sobretudo naqueles casos – sempre lato sensu – de duplo sentido, nos muitos subentendidos das conversas vagas, nas promessas indefinidas, nas situações pouco claras, nas esperanças falsamente criadas, nas aberturas ao contraditório, nos convites a “algo mais”, enfim, em todas as circunstâncias nas quais a precisão e o cuidado com o verdadeiro não figuram entre as prioridades do autor do discurso ou de seu eventual interlocutor.

Esse sinal gráfico possui grande teor de sugestão é rico em nuances melódicas em narrativas literárias, em particular na obra *Memórias de um velho*, objeto desta pesquisa. Funcionam como elemento auxiliar da linguagem afetiva, lírica e poética traduzindo o estado emotivo do personagem do texto.

Na obra *Memórias de um velho* (2008, p.81), de Clodoaldo Freitas as reticências muitas vezes aparecem como forma de esquecimento do nome das cidades por onde Emilio passou, como por exemplo: “Na cidade...para onde me mudara continuei com o meu negócio em maior escala”. Em diversas passagens da narrativa, o narrador faz uso das reticências para não apresentar para o leitor o nome da cidade, seja por motivos de esquecimento, omissão ou por não querer deixar rastros de onde tenha se instalado.

Na oralidade não há como identificá-la de modo específico, a não ser por um receptor atento para as sugestivas hesitações do dito, das expressões inacabadas, nas finalizações mais lânguidas. É necessário deixar um espaço livre para a criação e imaginação humanas para que esse sinal de pontuação ganhe diversas conotações no ambiente literário.

Na literatura pode-se inclusive escolher não usá-las propositalmente, como no caso do escritor Graciliano Ramos em sua famosa frase “Sem exclamação! Sem reticências [...]” ao definir sua escrita modernista com estilo mais realista, essencial, direto e sem rodeios.

Destarte, podemos constatar que as reticências traduzem em marcas textuais aquilo se mostra inquietante, embaraçoso, inexplicável ou até mesmo aquilo que é esquecido trazendo para o texto literário um tom de liberdade subjetiva.

Enfim, refletir sobre a memória e o esquecimento nos abre a percepção de que existem inúmeras razões para se considerar que é uma temática bastante complexa. Pudemos analisar que é de suma importância o revezamento entre lembrar e esquecer para que se renovem as informações e que no entremeio desse processo pode haver os esquecimentos causados por pagamentos de rastros de modo intencional ou falta de ajuste com o que se perdeu; pelo desenraizamento cultural ao qual o sujeito não teve tempo de apropriar-se das próprias lembranças; por não querer lembrar aquilo que não foi agradável e esboçar somente o silenciar carregado de historicidade; ou por esquecimento dos nomes próprios motivados por um recalque que ficou guardado no inconsciente; e por fim podendo ser expresso de modo intencional por meio do sinal gráfico reticências em textos narrativos.

3.3 “... e começava a tomar consciência da velhice”: a velhice em Gabriel Garcia Márquez, Chico Buarque e Clodoaldo Freitas

Entendendo a velhice como uma fase natural da vida humana, nos propomos a fazer uma breve análise sobre o lugar de fala do velho na literatura, para perceber qual a intenção de cada narrador, quais tipos de memórias são revisitados, se há esquecimentos em suas narrativas, como eles se autoanalisam nesse estágio da vida diante da situação em que estão inseridos. Para tanto, serão usadas como corpus as obras *Memórias de minhas putas tristes, Leite derramado* e *Memórias de um velho,* as quais se conectam por trazerem visões diferenciadas de narradores personagens idosos que precisam contar o que viram da vida e suas percepções a partir do texto literário.

O romance *Memórias de minhas putas tristes*, de Gabriel García Márquez (2016) é uma história contada por um nonagenário sem nome, que quer se dar de presente de aniversário uma noite com uma virgem. Insatisfeito profissionalmente e

amorosamente, sempre pagava por sexo. Ao se perceber envelhecer quis sentir algo diferente e assim o fez ao se apaixonar pela primeira vez, aos 90 anos, por uma garota de 14 anos. Durante toda a história somos apresentados à vida do narrador que busca sentir novamente o vigor em suas carnes.

A personagem leva uma vida modesta com os mínimos salários que recebe como colunista e crítico de música e teatro de um jornal local e com aulas de gramática e latim que ministra. Mora na casa que era de seus pais e nunca tivera intenções de casar-se, sempre levou vida de solteiro.

Apesar de mostrar-se frustrado em sua vida profissional e pessoal, mantem-se lúcido sobre o que pensa de si mesmo e tem consciência acerca de sua velhice ao perceber os sintomas dela, como no trecho a seguir:

> Fazia meses que tinha previsto que minha crônica de aniversário não seria o mesmo e martelado lamento pelos anos idos, mas o contrário: uma glorificação da velhice. Comecei a me perguntar quando tomei consciência de ser velho, e acho que foi pouco antes daquele dia. Aos quarenta e dois anos havia acudido ao médico por causa de uma dor nas costas que me estorvava para respirar. Ele não deu importância: É uma dor natural na sua idade, falou.
> - Então – disse eu -, o que não é natural é a minha idade.
> Foi a primeira vez que pensei na minha idade em termos de velhice, mas não tardei a esquecer o assunto. E me acostumei a despertar cada dia com uma dor diferente que ia mudando de lugar e forma, à medida que passavam os anos (MÁRQUEZ, 2016, 12-13).

Ao escrever sobre sua própria experiência de tornar-se velho, quer ressaltar o lado positivo dessa idade, mas ao se auto examinar a respeito de quando havia se entendido como velho sua resposta estava associada a dores físicas que o incomodam constantemente e gradualmente.

O narrador diz que “a verdade é que eu não aguentava minha alma e começava a tomar consciência da velhice pelas minhas fraquezas diante do amor” (MÁRQUEZ, 2016, p. 97), quando vive o drama de apaixonar-se tarde demais para aproveitar as tormentas de um amor.

Porém, em diversas passagens ele narra a forma como se vê diferente daquela que os outros o veem, pois a mudança de seu corpo não está associado à sua lucidez, como no seguinte excerto: “a verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam” (MÁRQUEZ, 2016, p.13).

A autoanálise do seu corpo, sua condição física sempre são motivos para reflexões do personagem, pois para ele “a idade não é a que a gente tem, mas a que a gente sente” (MÁRQUEZ, 2016, p. 68). Enquanto se arruma para encontrar a virgem ele descreve toda sua indumentária, mas sente-se envergonhado com os sinais da velhice quando diz que “no final dobrei para dentro as barras das calças para que ninguém notasse que com a idade eu diminuíra quatro dedos” (MÁRQUEZ, 2016, p. 24).

A autocrítica persiste mais intensa ao deitar-se ao lado da virgem que dormia, mas em seu ímpeto de desmerecimento não vê motivos para acordá-la: “perguntei-me de que adianta despertá-la, humilhado e triste do jeito que me sentia, e frio que nem uma pescada amarela” (MÁRQUEZ, 2016, p. 34). Ao final da primeira noite com ela em que nada acontece, o narrador ressalta sua condição ao relatar que “debaixo do sol abrasador da rua comecei a sentir o peso dos meus noventa anos, e a contar minuto a minuto, os minutos das noites que me faltavam para morrer” (MÁRQUEZ, 2016, p.36). Naquela altura da vida o que mais chama sua atenção não era o que ainda tinha para viver, mas a ânsia para que o tempo se apresse para deteriorar toda aquela sensação de peso que a idade traz.

A percepção de que o psicológico não acompanha as marcas do envelhecimento no corpo também é compartilhada com uma antiga amiga chamada Cacilda em uma conversa em que ela diz que “acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo vê” (MÁRQUEZ, 2016, p. 109). É interessante analisar que esse diálogo é travado por dois idosos que falam sobre seus desejos carnais e sentimentos pulsantes, cujos não correspondem às suas condições físicas já envelhecidas.

O peso da velhice também é percebido através do esquecimento de nomes, objetos, afazeres cotidianos relatados de modo muito claro, mas assim mesmo assustado com os ‘ocos da memória’:

> Na quinta década havia começado a imaginar o que era a velhice quando notei os primeiros ocos da memória. Revirava a casa buscando meus óculos até descobrir que os estava usando, ou entrava com eles no chuveiro, ou punha os de leitura sem tirar os de ver de longe. Um dia tomei duas vezes o café da manhã porque me esqueci da primeira, e aprendi a reconhecer o alarme de meus amigos quando não se atreviam a me lembrar que estava contando a mesma história que havia contado na semana anterior. Naquele tempo tinha na memória uma lista de rostos conhecidos e outra com os nomes de cada um, mas no momento de cumprimentar não conseguia que as caras coincidissem com os nomes (MÁRQUEZ, 2016, 13-14).

Segundo ele, para compreender a noção de velhice, o esquecimento foi ponto desencadeador desse processo, visto que a velhice é tida como “um prenúncio positivo da catástrofe do esquecimento”. (PINHO, 2007, p.37) O leitor percebe a agonia e a angústia do velho quando narra ações de repetições, de esquecimentos de atitudes rotineiras que não alcançavam suas intenções causando-lhe constrangimento.

Em contrapartida, o personagem reconhece que “é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam” (MÁRQUEZ, 2016, p. 14). Essas lembranças que não são apagadas por motivos de interesses pessoais são para Halbwachs (2006) a memória na ordem das relações afetivas quando só se recorda aquilo que é importante.

As lembranças afetivas estão relacionadas à memória individual ancorada na memória coletiva. De acordo com Halbwachs (2006, p.30) “jamais estamos sós”. Podemos constatar isso no trecho abaixo, quando é narrado o segundo encontro com a moça chama Delgadina em que o protagonista não se sente sozinho pelo simples fato de tê-la em seu pensamento:

> Quando o aguaceiro passou eu continuava com a sensação de que não estava sozinho na casa. Minha única explicação é que da mesma forma que os fatos reais são esquecidos, também alguns que nunca aconteceram podem estar na lembrança como se tivessem acontecido. Pois se evocava a emergência do aguaceiro não me via a mim mesmo sozinho na casa, mas sempre acompanhado por Delgadina (MÁRQUEZ, 2016, 67-68).

A partir dessa conclusão, podemos entender que a memória possui mecanismos que levam a representar lembranças com mais intensidade de acordo com determinadas situações prezadas por nós. Sendo assim, não é necessário que outros estejam conosco fisicamente para nos sentir acompanhado, pois a memória coletiva cria a sensação de presença do indivíduo através da lembrança.

Depois de dois encontros sem tocar a moça e se contentar somente em observá-la, foi despertado nele um sentimento nunca antes vivenciado: o amor. Assim, propôs cuidar e ofertar a ela uma vida melhor. Como recompensa percebeu que “quando meus gostos musicais entraram em crise me descobri atrasado e velho, e abri meu coração às delícias do acaso”. (MÁRQUEZ, 2016, 75). A personagem tem a

sensação de tempo perdido, é como se ele estivesse numa corrida atrás do tempo e quisesse a toda força fazê-lo parar puxando-o pelos cabelos para que desse tempo para ele realizar todos os planos e mudanças despertados nele depois do afloramento e da renovação trazidos por essa paixão.

Novamente, Cacilda será citada ao falar sobre não mais desperdiçar o pouco tempo que resta ao seu amigo narrador quando o aconselha a “não vá morrer sem experimentar a maravilha de trepar com amor” (MÁRQUEZ, 2016, p. 111). Assim como o amor desperta nele novos desejos, as palavras também despertam lembranças como um gatilho para aquilo que estava descordado como na situação ilustrada abaixo:

> Então fui até o banheiro e escrevi no espelho: *Delgadina da minha vida, chegaram as brisas do Natal.*
> Uma de minhas lembranças mais felizes é o transtorno que senti certa manhã como aquela, ao sair da escola. O que está acontecendo comigo? A professora me disse aparvalhada: Ai, menino, não está vendo que são brisas? Oitenta anos depois tornei a sentir tudo de novo quando despertei na cama de Delgadina, e era o mesmo dezembro que voltava pontual com seus diáfanos, as tormentas de areia, os torvelinhos da rua que destelhavam casas e erguiam as saias das colegiais (MÁRQUEZ, 2016, p. 83).

A lembrança chega ao personagem como saudosismo e nostalgia. O mesmo sentimento de dúvida, de confusão e delícias de quando tinha dez anos vieram à tona depois de oitenta anos ao resignificar a conotação da palavra brisa. Na nova situação do personagem, ‘brisa de Natal’ pode sugerir a renovação refrescante no espírito do narrador ao encontrar-se diante das incertezas do amor encontrado na idade avançada.

Ao final da obra, o narrador faz uma reflexão acerca de sua vida ao longo das décadas:

> Comecei a medir a vida não pelos anos, mas pelas décadas. A dos cinquenta havia sido decisiva porque tomei consciência de que quase todo mundo era mais moço que eu. A dos sessenta foi a mais intensa pela suspeita de que já não me sobrava tempo para me enganar. A dos setenta foi temível por uma certa possibilidade de que fosse a última. Ainda assim, quando despertei vivo na primeira manhã de meus noventa anos na cama feliz de Delgadina, me atravessou a ideia complacente de que a vida não fosse algo que transcorre como o rio revolto de Heráclito, mas uma ocasião única de dar a volta na grelha e continuar assando-se do outro lado por noventa anos a mais (MÁRQUEZ, 2016, p.119-120).

A personagem faz uma analogia à vida como se existissem dois lados para serem gastos, sendo que o outro lado só se alcança depois dos noventa quando, de acordo com o narrador, ainda se tem muita vida pela frente, pois mesmo sentindo “o peso imenso do século que me esperava impassível quando subi com passos de ferros as escadas da minha casa” (MÁRQUEZ, 2016, p.125) ele ainda goza da felicidade de ter o “coração a salvo, e condenado a morrer de bom amor na agonia feliz de qualquer dia depois dos meus cem anos” (MÁRQUEZ, 2016, p.126).

Essa obra traz como temática não só a velhice, mas também a descoberta do amor na velhice com todos os seus riscos e intensidades que um verdadeiro amor possui. Podemos analisar que há um velho autônomo, lúcido sobre suas escolhas, que possui vida ativa na sociedade, pois isso sua história não se resume só em contar, mas principalmente em viver os amores e as dores da idade. Mesmo apresentando os problemas de esquecimento e dores físicas, o personagem encara a velhice com um tom de bom humor e leveza a ponto de deixar-se experienciar novas sensações na fase madura.

A obra *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque é narrada pelo idoso centenário Eulálio Montenegro D’Assumpção que se encontra em um leito de hospital. No desenrolar da trama, ele conta o histórico de sua família abastada oriunda de Portugal, composta desde um barão do Império, um senador da primeira República, até chegar à decadência social e financeira representada por um tataraneto garotão do Rio de Janeiro. Também são retratadas memórias sobre os marcos históricos brasileiros dos últimos dois séculos e sua história de amor mal resolvida com Matilde, mulher que se apaixonou durante uma missa na igreja da Candelária.

Como ouvintes da narração de Eulálio, temos a figura da filha e das enfermeiras que cuidam dele e quem quiser ouvir. Durante toda a narrativa ele externa situações imaginárias que poderia ter vivido com Matilde, como uma espécie de delírio, e mescla com questionamentos ou constatações de seu presente. Não há linearidade de pensamentos na narrativa do velho Eulálio, o que há é uma profusão de pensamentos que se aglomeram sem deixar o leitor descansar de suas mudanças de foco narrativo. No trecho a seguir, logo depois de detalhar os planos de casamento com Matilde, o narrador explica o porquê de sua oratória e como se sente ao contar esse pensamento:

> Estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você me transcreva sem precisar ser

> taquígrafa, você está aí? Acabou a novela, o jornal, o filme, não sei por que deixam a televisão ligada, fora do ar. Deve ser para que esse chuvisco me encubra a voz, e eu não moleste os outros pacientes com meu palavrório (BUARQUE, 2009, p. 07).

Em sua fala desarticulada, o idoso trava um monólogo e especula a presença de Matilde. Os motivos de falar alto e devagar são tentativas esperançosas de fazer com que ela o escute, mesmo não estando de corpo presente. Os cortes de raciocínio aparecem como *flashes* que irrompem os planos de casamento com Matilde para a triste sensação de que ninguém quer escutá-lo por isso deixam a televisão ligada. Os lapsos, o delírio e as misturas de pensamentos perduram por toda a narrativa.

A memória obscura, falha e embaçada é figurada como oco, assim como na obra Memórias de minhas putas tristes de Márquez (2016). Na obra em questão, Eulálio diz que:

> Sirenes na rua, telefone, passos, há sempre uma expectativa que me impede de cair no sono. É a mão que me sustém pelos raros cabelos. Até eu topar na porta de um pensamento oco, que me tragará para as profundezas, onde costumo sonhar em preto-e-branco (BUARQUE, 2009, p. 08).

A metáfora do pensamento oco nos remete à noção de vazio da memória em que o personagem tenta buscar informações sobre o passado, mas encontra lacunas e isso torna a percepção de vida sem colorido, triste por não conseguir completar o raciocínio que gostaria.

A dor de não conseguir lembrar com nitidez o incomoda tanto que é comparada a uma ferida “qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p. 10). A doença e a velhice são equiparadas pela dor, pois da mesma forma que o corpo sofre com os males da enfermidade, a memória também sofre com os lapsos que incorrem sem que a pessoa o autorize.

Em outro momento, Eulálio toma consciência de que:

> A memória é um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, 2009, p. 41).

Para ele, todas as informações necessárias estão na memória, mas só aparecem no tempo ou na situação oportunas, portanto não seria conveniente forçar a chegada de uma lembrança vinda por estímulos externos ou tentar organizar a

memória, visto que ela é descontínua, cheia de rupturas e cortada de vazios, como diz Bachelard (2007). Mais adiante no texto, ele chega a dizer que uma das razões pela qual a memória não é alcançada é “porque dá preguiça vasculhar a memória o tempo inteiro” (BUARQUE, 2009, p. 41), por isso seria mais confortável não fazer uso o tempo inteiro do mecanismo memorialístico.

O narrador chama atenção para os tipos de lembranças que são permanentes e as que são voláteis em sua memória, no seguinte excerto:

> Aquela que veio me ver, ninguém acredita, é minha filha. Ficou torta assim e destrambelhada por causa do filho ou neto; agora não sei direito se o rapaz era meu neto ou tataraneto ou o quê. Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já tinha esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes, mais as reminiscências dessa gente toda, até o tempo de Napoleão. Veja só, nesse momento olho para você, que toda noite está comigo tão amorosa, e fico até sem graça de perguntar seu nome de novo. Em compensação, recordo cada fio da barba do meu avô, que só conheci de um retrato a óleo. Eu por mim sonhava com você em todas as cores, mas meus sonhos são que nem cinema mudo, e os atores já morreram há tempos (BUARQUE, 2009, p. 14-15)

As memórias em preto-e-branco de Eulálio são aquelas incrustadas que fazem parte das lembranças mais antigas, solidificadas, as quais são guardadas detalhes como a barba do avô que somente vira por retrato, mas que ficaram presas na memória por ordem de importância ou por conviver há muito tempo com essa informação. Já as memórias coloridas são referentes às lembranças mais recentes que se amontoam em um pequeno espaço no cérebro e que ele não se responsabiliza em guardá-las visto que chegaram ao seu acervo de lembranças concomitantemente ao quadro de Alzheimer sofrido pelo personagem. As lembranças mais novas se caracterizam como voláteis.

As lembranças referentes aos primeiros encontros com Matilde são tão vívidos na memória de Eulálio que despertam nele sensações físicas que não correspondem à sua condição de acamado ao refletir que:

> Debaixo do chuveiro eu agora me olhava quase com medo, imaginando em meu corpo toda a força e a insaciedade do meu pai. Olhando meu corpo, tive a sensação de possuir um desejo potencial equivalente ao dele, por todas as fêmeas do mundo, porém concentrado numa só mulher (BUARQUE, 2009, p. 33).

Após relatar como surgiu o desejo por Matilde, ao vê-la saindo da igreja e as lembranças de suas visitas com o pai a prostíbulos franceses, o personagem cria uma percepção física oriunda da intensidade dos sentidos vividos em épocas passadas. As recordações desses fatos são tão lúcidos devido a importância dada a eles em sua vida que foram guardados detalhes assim como os sentidos experimentados na época.

A lucidez da memória de Eulálio não se encontra somente nas recordações amorosas ou familiares, mas também nas memórias históricas cujas são retratadas com detalhes sobre o prestígio social e financeiro experienciado por seus ascendentes. O narrador sente a necessidade de se fazer entender, mesmo que o suposto ouvinte não disponha de tempo ou interesse em seu desabafo, como no trecho seguinte:

> Eu queria dizer que meu avô foi comensal de dom Pedro II, trocou correspondência com a rainha Vitória, mas sou obrigado a ver essas dançarinas bizarras, tingidas de louro. E sem me pedir licença, os maqueiros me arrastam de novo para a tomografia, é sempre a mesma coisa. [...] E voltará à baila o assassinato do meu pai, político importante, além de homem culto e bem-apessoado. Saiba o doutor que meu pai foi um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes, sua morte brutal foi divulgada até em jornais da Europa, onde desfrutava imenso prestígio e intermediava comércio de café. Tinha negócios com armeiros da França, amigos graúdos em Paris, e na virada do século, ainda muito jovem, fez sociedade com empresários ingleses (BUARQUE, 2009, p. 51-52).

Olhar para o passado com o objetivo de situar-se no tempo e no espaço e de autoafirmação sobre suas raízes bem posicionadas socialmente o faz refletir seu valor que naquela situação de acamado não é nada agradável visto que se sente como um objeto levado de um lado para outro a fim de cumprir-se com a rotina hospitalar a qual ele está submetido.

O que lhe causa maior revolta, além da condição de decadência familiar ao dizer “Confesso que, para mim, era um pouco melancólico ver as ruínas da sede colonial, a capela em esqueleto, o estábulo carbonizado, a relva seca e a terra estéril da fazenda da minha infância” (BUARQUE, 2009, p. 79) era o fato de ele não ser ouvido com atenção por ninguém que ali está ao seu redor ao refletir que “as pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro.” (BUARQUE, 2009, p. 78). A personagem se mostra triste em perceber que mesmo rodeado de

pessoas, sua narração não passa de um monólogo e pensa na figura de tantos outros que como ele, se sente em um país estrangeiro onde não se faz entender.

Em relação à condição moderna de desvalorização do idoso, de passar despercebido na sociedade cabe-nos, antes, uma reflexão sobre memória do velho por Pinho (2011, p. 37-38) ao explanar que:

> O fortalecimento da memória são decantações da percepção que se tem da passagem do tempo no próprio corpo, na disponibilidade, na visão do outro. O exercício memorialista é tanto vital quanto dramática, a energia que o motiva. O envelhecimento individual parece dar-se da mesma maneira coletivamente, ou seja, uma pessoa alcança a maturidade como todos de um grupo. Por isso, precisamos, ou melhor, não podemos nos dar ao luxo de descartar o velho de nosso convívio, como também sua capacidade de falar o passado.

É fundamental a representação da memória daquele que se dispõe a narrar o que percebeu com o passar do tempo. Seja de modo feliz ou comovente o discurso do idoso será repleto de inferências reflexivas sobre saber viver.

Em diversos trechos da obra, ao rememorar algum fato o narrador acaba caindo na armadilha da repetição da mesma história outrora contada e explica o motivo disso ao relatar que “é para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópias dela, para a hipótese de a história se extraviar” (BUARQUE, 2009, p. 96). A repetição aparece nesse contexto como mecanismo contra o apagamento das lembranças, assim também como no seguinte trecho: “mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da nossa vida!” (BUARQUE, 2009, p. 184). As marcas deixadas pelos acontecimentos da vida são tão fortes e importantes que dificilmente param de povoar a mente daquele que tem todo tempo livre para rememorar e revisitar as lembranças que trazem boas vivências ou que causam algum recalque ao longo de sua história.

Seu esquecimento vem mesclado ao delírio daquele que não sabe bem discernir se a lembrança é verdadeira ou ilusória, como ilustra a passagem seguinte:

> Na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão, porque cada lembrança já é um arremedo de lembranças anterior. A própria fisionomia de Matilde, um dia percebi que eu começava a esquecê-la, e era como se ela me largasse novamente. Era uma agonia, mais eu a puxava pela memória, mais sua imagem se desfiava. Restavam dela umas cores, um ou outro lampejo, uma lembrança fluida, meu pensamento em Matilde tinha formas vagas, era pensar num pais e não numa cidade. (BUARQUE, 2009, p. 136)

Eulálio mostra-se confuso em perceber a involução de sua capacidade de lembrar racionalmente, pois como já são lembranças gastas tornam-se alvo fácil para se decomporem com o arrastar do tempo. Sua agonia é entender que “é esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram, acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 117). Há uma desorganização mental que o impede de conectar as informações passadas com as do presente, pois “são tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora” (BUARQUE, 2009, p. 138-39). Nesses momentos em que ele não sente o controle de sua narrativa se sente impotente e desordenado diante das amarras e dos ocos da memória.

Em determinado momento em que o personagem se vê contrariado, logo veio à tona a lembrança do aconchego dos pais ao dizer “virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber” (BUARQUE, 2009, p. 101). A recorrência desse tipo de memória é uma tentativa de retomada dos sentimentos pueris aprisionadas àquele momento registrado pelo fato e reconhecimento empático graças ao enigma da lembrança que permite ligar o momento presente ao pretérito.

A presença da mulher de seus sonhos em suas recorrentes recordações é ponto crucial para o desenrolar de todas as outras situações narradas. Podemos entender que chegando ao final da obra há o agravamento de sua doença quando os delírios e as lembranças desconexas aparecem com mais frequência. A angústia do narrador em misturar alucinações com fatos reais é uma característica marcante no texto analisado.

Encontramos nessa história, um velho enfermo e amargurado pela falta de ter com quem dividir suas lembranças e pela frequente falha de sua memória caótica. O velho, afastado do foco dos acontecimentos atuais, encontra-se sozinho e consequentemente sua narrativa torna-se desvalorizada por aqueles que não dispõem de tempo para ouvi-lo, pois “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (BENJAMIN, 1994, p. 01). As atrações tecnológicas e a falta de troca de experiências estão cada vez mais reforçando que haja o desaparecimento das narrativas.

Já o romance *Memórias de um velho* (2008) apresenta um enredo de tragédias consecutivas, perdas e ganhos de fortuna, amores intensos, alterações de caráter,

críticas de costume ferrenhas, bruscas mudanças nos acontecimentos da vida do protagonista Emílio em sua trajetória desde suas lembranças de infância até o momento em que se encontra na velhice.

A referida obra possui como temática a memorização de situações vivenciadas pelo protagonista em que, ora são retratadas com vivacidade e riqueza de detalhes, ora são esquecidas no decorrer da trama, como expressão da falha de memória do idoso ao tentar recordar o nome de cidades e lugares por onde passou, além de retratar os costumes, discursos sociais e marcas da sociedade do sertão piauiense da época contemporânea a que foi escrita.

O leitor é o próprio receptor do narrador personagem Emílio que logo nas primícias da obra declara “vou escrever algumas linhas sobre minha vida” (FREITAS, 2008, p. 07). Com a intenção de partilhar aquilo que aprendeu da vida, o idoso descreve a condição física em que se encontra e qual seu objetivo em documentar sobre sua experiência:

> Hoje, que a velhice me gelou o sangue nas veias, eu me sinto, mau grado meu, arrastado para o nada, curvado ao peso da idade, a rival da morte, quero deixar, na lembrança dos que ocuparem o meu lugar na terra, o histórico de minha existência, que não deixará de ser instrutivo. Nestas páginas escritas sem pretensão, sem esmero, encontrarão, os que se derem ao trabalho de as ler, uma lição profícua e, talvez, uma regra para se modelarem nas emergências da vida, que há de seguir necessariamente o caminho, que lhe derem, livre das vistas ou dos desígnios arbitrários do céu (FREITAS, 2008, p.07).

Emílio apresenta sua velhice com pesar e pessimismo quanto à perspectiva de vida para o futuro, não encontra nada que o faça permanecer durante mais tempo vivo com entusiasmo. É como se o que viveu já estivesse de bom tamanho e sua maior espera no momento em que escreve é a chegada da morte, ao dizer “vejo lentamente se aproximar o meu dia supremo, cercado dos entes que adoro” (FREITAS, 2008, p. 08).

É interessante perceber que ele tem a preocupação preliminar de informar seu estado, o que já suscita dúvidas sobre a consistência da memória. Ademais, os fatos são relatados a partir de seu próprio julgamento. Assim, a perspectiva individual prevalece em todo o corpo da narração, visto que é apresentada a visão unitária e particular do velho Emílio sobre os acontecimentos narrados.

Ao longo da trama, Emilio, dispersa pequenos ensinamentos sobre a vida a fim de conscientizar o leitor sobre suas experiências, como no seguinte trecho: “nossa

vida é, simplesmente, uma luta eterna contra a desgraça, que nos vence, nos prostra, nos mata" (FREITAS, 2008, p.23), pois a intenção de sua escrita é apontada de maneira clara, seu relato deverá servir como uma espécie de manual de instruções para os menos experientes sem correr o risco de julgamentos religiosos, ou seja, na sua concepção devemos nos deixar conduzir pelo destino e 'os desígnios arbitrários do céu' em nada nos ajuda, somente servem para manipular e podar as pessoas.

Podemos perceber que até mesmo na escrita, esse idoso, assim como os outros já analisados anteriormente, se sente como estorvo e rejeitado pelo ouvinte, sentem-se como um fardo para aqueles que 'se derem ao trabalho de ler' ou de escutá-los.

O trabalho sempre foi um dos grandes prazeres na vida do personagem, logo um dos seus primeiros conselhos gira em torno do assunto.

> O homem será o que quiser ser. Trabalhe aquele que aspirar a uma coisa; lute porfiadamente em sua persecução, que há de adquiri-la, porque uma vontade resoluta e máscula, não encontra barreira nos grandes tropeços, que obstruem a tortuosa estrada da vida. (FREITAS, 2008, p. 07).

Em seu discurso é notória a ideia de que o homem só é dignificado se assim se entregar ao labor, pois em diversas passagens do texto em que Emílio cai em desgraça em conseguinte sempre se reergue a partir de um novo emprego cujo prospera porque se empenha completamente, como no trecho abaixo em que Emílio acaba de sair da cadeia por denunciar abusos sexuais de um frade, encontra forças para se reestabelecer socialmente:

> Restabelecido, pensei maduramente na vida. Tinha trinta anos, e achava-me depois de tantas lutas e sofrimentos, em piores condições do que no dia em que saí de minha terra, empunhando meu bordão de peregrino. Precisava viver, ganhar alguma coisa, e comecei a ensinar as primeiras letras, e a tratar, pois, como já disse, tinha alguns conhecimentos médicos. A minha escola teve frequência e a minha clínica deu-me algum lucro. Comecei a explorar alguns ramos de negócios, que me foram rendendo bastante, de sorte que, um ano depois, me achava em condições relativamente prósperas, ia adquirindo crédito na cidade. Fechei a escola, que, roubava muito tempo, abri um pequeno estabelecimento comercial, que prosperou rapidamente, graças a minha indomável atividade e absoluta economia (FREITAS, 2008, p. 59).

A força de se reerguer na maturidade é refletida e comparada por ele em memória com o tempo em que "eu era moço, e inexperiente, deixava-me esmagar por

qualquer obstáculo” (FREITAS, 2008, p. 07) em suas memórias sobre infância sempre se mostra obediente aos mandatos da família que o queria padre.

O tom de melancolia é recorrente ao longo de sua narração. Em meio às suas reflexões sobre o que deixou de fazer, Emílio sente-se triste:

> Infelizmente, quando podia ser feliz não fui e, hoje, que o sou, já não posso ser. Nesta idade impotente e gelada, tropeçando quase na sepultura, transito pelo frio da morte, que já cobriu de neve a minha cabeça, a minha felicidade não é completa, porque meu coração chora a perda das suas melhores ilusões. Todavia, já não me julgo desgraçado. Vejo crescerem sob as minhas vistas experientes, os renovas de meu ser em meus filhos, que educo livres dos rudes preconceitos banais, que me absorveram o melhor tempo. Já não maldigo da sorte. Conheço muitos homens mais ricos e orgulhosos do que eu; não creio, porém, que nenhum deles goze da abençoada tranquilidade de minha alma (FREITAS, 2008, p.08).

O temor da morte é sentido pela personagem assombrada com as interferências no corpo e na alma impressas pela passagem do tempo. Porém, ele encontra nos filhos um fio de esperança para que seu legado continue e vislumbrar neles uma esperança de vida mais feliz que a que ele teve.

Emilio reflete que enquanto moço tinha todas as possibilidades para ser alguém mais feliz, pois gozava de saúde, forças para trabalhar e conquistar aquilo que desejava, mas por infortúnios do destino hoje ao se sente mais tranquilo e equilibrado, mas não possui mais vitalidade para construir sua felicidade.

Muitas perdas familiares e do seu amor mais puro chamado Santinha o assolam deste o início da trama, por isso o narrador se desilude desde muito cedo com a vida e mais uma vez vemos que ele a despreza querendo morrer por não fazer sentido viver sem amor.

> Na minha posição não tinha outro caminho a seguir: ofereci-me voluntário e desci no primeiro contingente que seguiu para o Sul. Que coisa triste é o embarque de tropas que partem para a guerra! Dos milhares de corações que choravam; dos milhares de lenços que se agitavam na despedida, nem um chorava por mim, nem um se agitava por mim! [...] Eu queria morrer e as balas fugiam de mim! (FREITAS, 2008, p. 22).

Na tentativa de fuga da realidade ofereceu-se voluntário na guerra do Paraguai e nutre um sentimento de autocomplacência muitas vezes ao se reportar ao passado, por se sentir sozinho como se tivesse sempre em estado de alerta para

sobreviver. Emílio problematiza a sua condição de existência com recorrência na narrativa e junto a isso faz reflexões sobre o que passou e o que se esperar da vida.

> Todo homem tem uma saudade do passado e uma esperança para o futuro; na cabeça aninha sonhos de glória e no coração ânsias de amor. Não há coração, por mais árido que seja ou que o tornem os preconceitos sociais, que não tenha suas horas de liberdade e de recolhimento e não se abandone à atração, que o arrasta. Uma flor murcha, que tomba desfolhada de dentro de um livro, uma fita, um fio de cabelo, uma qualquer recordação, são, para os que os entendem, um manancial de harmonias divinas (FREITAS, 2008, p. 36).

Nesse pensamento, Emílio se mostra mais aberto quanto às novidades da vida e com um olhar menos entristecido sobre o passado. Ele entende que esse é um estado pertencente a todos e por isso aquilo que nos desperta o sentimento é tido como um 'manancial de harmonia' em que todas as pessoas comungam da mesma sintonia.

No avançar da vida, as lembranças se tornam mais livres para serem filtradas e entendidas por possuir mais tempo para apreciá-las. Assim são as recordações de Emílio, exceto para nomes de lugares.

As memórias de Emílio seguem uma sequência linear dos acontecimentos de sua vida, mas não deixa de fazer relação com seu passado para que possa tomar conclusões e fazer reflexões acerca dos ensinamentos que tanto preza passar para seu leitor. A velhice do narrador é sentida pelo pesar de construir sua vida baseada nos bons moldes sociais, mas desviando-se por deixar-se guiar pelo destino. Andarilho e sem amarras, Emílio construiu sua trajetória com erros e acertos que são lembrados com certa angústia de que poderia ser melhor, mas com a consciência limpa de quem lutou para conseguir êxito no que se propôs.

Em suma, sobre as três obras aqui recortadas para análise da memória de velho na literatura, podemos perceber que se conectam por apresentarem personagens que narraram suas memórias costuradas pela tessitura da vida. São personagens que têm recordações ligadas ao amor, aos marcos históricos e sociais; que sentem necessidade de serem ouvidos, de contarem sobre suas experiências, como forma de expurgar seus fantasmas, ainda que seus interlocutores sejam extratextuais; personagens que se interrelacionam também pelo esquecimento e pela percepção de passagem de tempo no corpo e na mente.

Quanto aos pontos divergentes das memórias dos velhos percebemos que o único que não mais consegue extrair concepções de suas narrativas é o personagem

Eulálio, de *Leite derramado*, por causa do quadro de demência, simplesmente as repete, portanto mistura lembranças. Em *Memórias de minhas putas tristes*, o narrador tem discernimento de futuro mirado e acordado pelo amor, já Emílio, de *Memórias de um velho,* não tem perspectivas futuras, pois já se julga muito velho e se vale de certa indiferença quanto à vida, enquanto Eulálio acometido pela doença de Alzheimer não tem mais domínio sobre si. Quanto suas visões sobre a velhice também há divergências: Emílio se sente frustrado e angustiado nessa fase da vida, Eulálio se sente deprimido e rabugento por se sentir solitário e em decadência financeira e social familiar, o narrador de *Memórias de minhas putas tristes* consegue ver a velhice com uma pitada de bom humor e esperança de dias melhores.

A velhice é uma fase da vida, muitas vezes, fustigada pela falta de atenção dada àqueles que já fizeram o papel social exercido pelos seus contemporâneos mais jovens, mas que por motivos externos ligados à vida moderna há um distanciamento para que o idoso viva de maneira feliz o estágio em que tem tanta sabedoria acumulada e memórias repletas de conteúdos significativos referentes à sociedade e história.

4 LEMBRANCAS E ESQUECIMENTOS EM *MEMÓRIAS DE UM VELHO*

A obra *Memórias de um velho* apresenta um enredo de tragédias consecutivas, perdas e ganhos de fortuna, amores intensos, alterações de caráter, críticas aos costumes ferrenhos. Situa também bruscas mudanças nos acontecimentos da vida do protagonista Emílio em sua trajetória desde suas lembranças de infância até o momento em que se encontra na velhice.

A velhice é temática recorrente no desenvolvimento deste trabalho e por isso, neste capítulo propõe-se discorrer sobre o assunto a partir do personagem Emílio que ressignifica suas lembranças por meio das narrativas de sua própria história.

Lembranças essas que agregam valor ao se associarem aos espaços, sejam eles geográficos, sociais, psicológicos e históricos. O espaço é um dos elementos compositores do gatilho que ativa a memória, por isso também versaremos sobre a lembrança a partir dos espaços apresentados por Emílio a nós.

Iniciaremos apresentando de forma sucinta sobre a biografia do autor da obra em estudo, Clodoaldo Severino Conrado Freitas, literato que muito contribuiu para o engrandecimento cultural, histórico e literário de sua época no estado do Piauí.

4.1 A figura intelectual e política de Clodoaldo Freitas

> Inteligência superior, possuindo largo preparo literário e filosófico, tendo-se ensaiado em várias direções, na crítica das religiões, na política, na história, no romance, no conto e na poesia, foi principalmente, jornalista vivaz, solerte, elegante e maleável, para quem não havia assunto árido, e cuja pena mais se enriquecia em vibrações e mais se aligeirava no produzir, quanto mais dela exigiam as circunstâncias. – **Clóvis Beviláqua (História da Faculdade de Direito do Recife).**

É com esse texto inicial que a edição *Os fundadores* publicada pela Academia Piauiense de Letras (2018), apresenta a figura de Clodoaldo Freitas que nasceu em Oeiras no ano de 1855. Estudou no seminário das Mercês de São Luís, terminando o curso no Liceu Maranhense em 1870. Ao desistir da vida religiosa, cursou Direito em Recife entre os anos de 1876 a 1880. De acordo com Queiroz (QUEIROZ, 2011), ele era participante ativo dos movimentos filosóficos e culturais da universidade.

Higino Cunha (1924, p. 28-54) diz que Freitas não se interessava muito por Direito, mas “durante o tirocínio acadêmico, estudou muito, de preferência literatura e filosofia positiva nas obras de Littré. Clodoaldo confessa que o direito, como era ensinado então, o enojava pela sua esterilidade e secura”. Isso fazia com que o seu

interesse pela literatura e da defesa dos ideais iluministas aumentassem. Assuntos como abolição, república, livre pensamento e combate à natureza clerical são temas que acaloravam as discussões no tempo de Freitas e consequentemente são presentes em suas obras.

De acordo com Coelho (1991, p.19), “a crítica religiosa, sobretudo, fascinava-o. Tinha um ódio felino de demagogo, contra as religiões, os padres, ou odiava menos os reis.” Enquanto estudante, teve contato com explicações científicas do mundo, ideias anticlericais, militância abolicionista, República, democratização.

De acordo com Celso Barros (1997, p. 117) o pensamento de Clodoaldo Freitas, que regia seu perfil intelectual, relacionava-se a crítica religiosa e fazia referência ao cientificismo de Spencer, Darwin e Littré. As ideias naturalistas e positivistas visavam contrapor os dogmas e doutrinas religiosos.

A dedicação aos conhecimentos científicos fez de Freitas um homem descrente dos dogmas, da religião e de um ser superior. Em sua concepção, não havia integração entre religião e ciência, tornando-se bastante polêmico para a época.

Graduado e com uma formação intelectual e filosófica consistente, Freitas estava preparado para assumir cargos políticos e sociais que reverberariam para sua atuação também na imprensa. “Clodoaldo Freitas atuou no ensino público e particular, na magistratura e no funcionalismo público em geral” (QUEIROZ, 2011, p. 108).

Foi nomeado promotor público de Teresina assim que chegou à cidade, lugar onde foi juiz atuando também em Valença e Santa Filomena. Além disso, foi desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, juiz municipal na cidade de Campos (RJ), juiz de Direito em Bagagem (MG), chefe de política em Mato Grosso, deputado estadual no Pará, professor de Direito, em Belém, colaborador do Jornal *Província do Pará* e diretor do *Diário da Manhã* e do *Diário*, no Pará; chefe de polícia, procurador-geral do Estado e diretor da Imprensa Oficial, em São Luís, além de atuar em vários jornais do Piauí e do Maranhão (CHAVES, 1983, p.43-46).

Sua vida profissional, muito instável, esteve atrelada à participação política. Na época em que chegou a Teresina havia dois partidos: Liberal e Conservador. Filiou-se ao Partido Liberal por tradição familiar, depois assume a redação do jornal *d’Imprensa* para defender os interesses do partido que estava em decadência em 1885 e dirigiu o jornal *A Reforma* que defendia os interesses republicanos e em seguida passa a ser redator chefe do jornal *A imprensa* (QUEIROZ, 2011).

No período entre 1886 a 1888, Freitas afastou-se do setor público e atuou como advogado no Piauí e Maranhão, além de Juiz Municipal em Santa Filomena. (CUNHA, 1924, p. 28-54)

Mas, no ano da Proclamação da República, Clodoaldo Freitas retorna para Teresina devido à homenagem recebida pela atuação histórica em prol do movimento republicano quando atuava no jornal *A Reforma*, pois exaltava as virtudes republicanas indo de encontro com os preceitos liberais (QUEIROZ, 2011). Sua recepção foi marcada "sob as mais estrondosas manifestações populares" (CUNHA, 1924, p. 28-54), mas tal episódio não lhe assegurou estabilidade no poder, tendo que viajar para o Rio de Janeiro e Minas Gerais para atuar como juiz, sem grande duração. Na década seguinte foi, por duas vezes, Procurador Geral do Estado do Piauí e Chefe de Polícia. Tantas idas e vindas de Freitas, fez Monsenhor Chaves refletir que:

> [...] a luta era cruenta e sem quartel, não havia tolerância e boa vontade para com o adversário vencido. Esta foi a razão por que Clodoaldo, durante muito tempo, viveu uma vida errante para poder manter os encargos de família. Após suas frequentes derrotas políticas tinha que migrar; abandonar o Estado para poder sobreviver. Ia sarar as feridas e refazer o deficitário orçamento familiar longe do Piauí. Percorreu assim o Brasil exercendo cargos públicos em vários Estados da Federação (CHAVES, 1983, p. 44).

Freitas é representante de família tradicional decadente desde 1850, proveniente de Oeiras e do Império, pois haviam enfraquecido nas bases rurais e foram afastados da administração pública. Ele tentou engajar-se em algum cargo político republicano, mas o que conseguiu foi apenas cargos passageiros na área burocrática. Tornou-se desiludido diante daquilo que tanto acreditava (QUEIROZ, 2011).

Mesmo diante de todos esses fracassos, Matias Olímpio admirava-se da resiliência de Clodoaldo Freitas ao dizer que:

> [...] enquanto o fracasso de uma campanha política deixava os companheiros desorientados ou incapazes para novas justas, ele esquecia inteiramente a derrota e começava imediatamente a pensar em novos planos e a cogitar de novas lutas (OLIMPIO, 1959, p. 53).

Perante os desgostos sofridos pela decadente atuação política na República, Clodoaldo Freitas volta-se contra esse regime apontando falhas como o centralismo e a autocracia que negava os direitos de igualdade e liberdade, chegando a propor uma republicanização da República e eleições por meio de voto livre (QUEIROZ, 1991, p. 142-155).

O fato de Freitas ser de origem de família tradicional e bacharel em Direito, favoreceu lhe fortemente para que atuasse na magistratura, na educação, no jornalismo, em cargos jurídicos estaduais, federais e políticos, bem como também foi motivo para sofrer as definições nas relações de poder no período transitório do Império para a República.

Sua contribuição na literatura local foi muito expressiva, juntamente com Higino Cunha e Abdias Neves a partir de 1917, ano em que fundaram a Academia Piauiense de Letras. Cem anos depois, a Assembleia legislativa do Piauí prestou homenagens àqueles que valorizaram a cultura da língua e preocuparam-se com o desenvolvimento da literatura local numa época em que esses aspectos eram apáticos e esquecidos.

Foi publicado no site *Portal O dia*, que "no salão do Conselho Municipal, foi escolhida, em sessão presidida por Lucídio Freitas, a primeira diretoria da Academia Piauiense de Letras, entidade que, desde a fundação, tem prestado relevantes serviços em prol de nossas letras e da cultura piauiense. Foi eleito presidente Clodoaldo Freitas". Tal reconhecimento dá-se em âmbito acadêmico e, na realidade prática da sociedade, pois podemos verificar tamanha repercussão de sua contribuição para a sociedade intelectual piauiense quando nos deparamos com rua central teresinense e escola municipal sendo nomeadas de Clodoaldo Freitas, além de diversos trabalhos acadêmicos voltados para análise de suas obras literárias e jornalísticas como os estudos realizados pelo corpo docente e discente do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí. Podemos citar como exemplo o artigo *A casa: lugar de afagos e conflitos*, do professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco que trata sobre as relações afetivas que circundam a atmosfera de uma casa; tema este que foi estendido para a geração de um outro artigo intitulado *"O lar transformado em inferno": o olhar dos literatos sobre os ressentimentos dentro do casamento* (2011), produzido pelo mesmo professor e sua orientanda Mara Lígia Fernandes Costa, que desenvolveu sua dissertação de mestrado com título *A escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas* (2010), trabalho em que engloba várias obras do autor com finalidade de comparar a maneira como os perfis femininos são apresentados de acordo com o contexto tempo-espaço em que estão inseridas.

A respeito da pesquisa mais aprofundada sobre biografia e trajetória profissional de Clodoaldo Freitas foram publicadas obras pilares das pesquisadoras

Teresinha Queiros com título *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo* e Maria do Socorro Rios Magalhães com a obra *Literatura Piauiense – Horizontes de leitura e Crítica literária (1900-1930)*.

A trajetória de vida profissional e sua produção literária são alvo de pesquisas devido à importância do registro de uma época a partir do olhar diferenciado de um escritor que possui conhecimento vasto sobre história, política, ciência e literatura. Todo seu arcabouço cognitivo resultou em verdadeiros documentos que servem de estudo de um período da história piauiense.

4.2 O personagem Emílio e suas lembranças afetivas

Clodoaldo Freitas era um homem do seu tempo, viveu e absorveu ativamente as fortes tendências europeias e as conectou a suas diversas produções históricas e literárias. De acordo com Queiroz (2011, p.95) o período em que ele foi estudante (1876-1880) na academia destacou-se por sua extensa dedicação extracurricular, visto que havia maior envolvimento dos estudantes na vida social e política.

Além disso, a discussão sobre assuntos como literatura, natureza anticlerical, abolição, República e o livre pensamento eram pautas em movimento naquela época em Recife. De acordo com Coelho (1997, p.116) “Clodoaldo Freitas esteve em Recife na fase mais agitada da Escola, exatamente aquela em que os temas filosóficos dominaram o ambiente e as teses materialistas e cientificistas pareciam alijar de vez o que restava da tradição espiritualista.” Todo esse clima de movimento cultural fez com que Freitas se tornasse um dos agitadores culturais de seu tempo.

Uma das tendências contemporâneas à sua época foi a oitocentista europeia que tem como principal característica o anticlericalismo, o cientificismo e o combate à tradição religiosa e atraso cultural.

> A modernidade é aqui pensada como um modo de civilização fundado pelo racionalismo moderno. Esse racionalismo embasou toda a concepção de ciência moderna, criou uma consciência secularizada, uma fé inabalável na razão, uma crença no progresso o qual destruiria a tradição e criaria condições ideais para o desenvolvimento humano (GAUER, 2006, p.77).

O filósofo Jean Jacques Rousseau (1712-1778) foi um grande representante dessa tendência que influenciou fortemente a construção de pensamento e opinião de escritores, jornalistas e filósofos. Sua obra intitulada *Emílio, ou da educação* (1995) apresenta a ideia de que o homem nasce bom, mas a sociedade o modifica, ou seja, as instituições educativas corrompem o homem e eliminam sua liberdade.

Para Rousseau (1999), o homem está condicionado à sua natureza, à sua origem que tem início no seu nascimento. Este homem natural é formado do nascimento até sua adolescência adquirindo qualidades que o permitem ser aceitável na sociedade. Há nesse processo uma violação da alma humana, pois muito do que forma suas características, passado o tempo, é acrescentado ao seu estado primitivo pela influência sofrida pelo meio e pelas pessoas que o rodeiam. Sendo assim cria-se um grande hiato entre o homem natural e o homem social:

> [...] por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante (ROUSSEAU, 1999, p. 227).

A escolha do nome da personagem principal de *Memórias de um velho*, Emílio, pode ter origem na obra supracitada, pois a intertextualidade entre os personagens de nome Emílio se dá pela alteração sofrida por ambos devido à imposição da educação social em detrimento da liberdade do homem natural, uma vez que Emílio de Rousseau era obrigado a aprender sobre assuntos técnicos, voltados para a funcionalidade do mundo adulto masculino. Em consonância, Emílio de Clodoaldo Freitas foi desligado da família ainda muito jovem para cumprir a tradição familiar de estudar para ser padre, indo contra seus interesses particulares.

Em consonância com a discussão acerca da intertextualidade entre os personagens de nome Emílio e suas críticas feitas contra a imposição da religiosidade, podemos ilustrar tal fato por meio do trecho a seguir:

> Li alguns livros profanos, que alguns colegas, mais desabusados, conseguiram meter em contrabando nos estudos. A perspectiva do mundo foi se modificando lentamente para mim. Em um dos muitos altares da igreja das Mercês, havia um santinho, vestido de burel, com um grande chapéu na cabeça, que me fez rir. Este primeiro riso decidiu a minha sorte. Desde que perdi o medo e o respeito votados aos santos, um por um foi caindo o preconceito religioso, as superstições se foram esvaecendo e a dúvida invadindo vitoriosamente minha alma. Uma dúvida origina outra, assim de dúvida em dúvida, fui perdendo dia a dia a fé, a formosa fé, cega e surda, que me embalava a infância e tanto me deliciara nas minhas esperanças religiosas (FREITAS, 2008, p.11).

É apresentado, no trecho acima, o momento em que percebe que a religiosidade é sentida como imposição, abrindo espaço para a racionalidade no processo de maturidade de Emílio, prevalecendo, então, a razão. A liberdade do protagonista é retratada a partir do desapego dos cuidados paternos e da independência financeira e intelectual. A transição entre a vida religiosa para a vida profana representa o despertar para a vida adulta que vai contra as ordens e desejos dos pais e da sociedade. Sobre isso Rousseau (1999, p.12) diz que:

> O homem natural é tudo para si mesmo: é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular já não se julgue como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo (ROUSSEAU, 1999, p.12).

Em ambas as histórias, percebemos que o foco está voltado para a educação impositiva que impede que a criança siga o percurso natural de aprendizagem, com valores de liberdade e escolha própria.

Emílio carrega em sua personalidade impressões sociais, históricas, filosóficas que o tornam marcado pelas influências de um homem que viveu as ânsias, sentimentos e pensamentos de sua época. Sua forma de lembrar seu passado reforça a teoria de Halbwachs (2006) que diz que a memória relacionada às relações afetivas, nem sempre não são guardadas por inconstância, infidelidade ou superficialidade, mas seleciona-se pelo nível de envolvimento entre as partes que formam a sociedade baseada num desigual compartilhamento de sentimentos.

O protagonista elege somente as memórias consideradas mais marcantes que são responsáveis pela memória afetiva. A emoção faz parte do processo memorialístico afetivo, pois não é possível lembrar-se de algo que nos afetou sem imprimir nenhum tipo de julgamento, devido às reflexões feitas e as diversas influências sofridas pelo tempo. Sobre memória afetiva, Nora (1993, p. 09) diz:

> A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a comportam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.

De acordo com Nora, há uma ligação entre o presente e o passado por meio do fio condutor da memória afetiva, visto que está em constante mutação na singularidade de cada simbólica lembrança. As pausas e remendos feitos no ato de lembrar uma situação afetiva comparam-se a um instante de engasgo memorial, em que é necessário um momento estanque para desenrolar o novelo dos fios da memória despertado pelos sentimentos reativados pelas sensações outrora sentidas. Porém, há apenas uma vontade de ter a mesma sensação vivida que não mais é alcançada na rememoração.

Durante a narração, Emílio conta a história com a linearidade bersoniana[2] que transmite a ideia de abarcar a noção do todo como se nenhuma memória escapasse no exercício de lembrança. Suas lembranças de infância e adolescência são descritas com certa precisão e detalhamento de ambientação e sentimentos, como no excerto a seguir:

> À noite, quando fui me deitar, contra meus hábitos, custei a conciliar o sono. A ideia de abandonar os meus e ir para tão longe, viver entre estranhos, me agoniava. Minha mãe, solícita e carinhosa, me alentava, procurando, num triste sorriso, abafar as lágrimas, que lhe borbulhavam nos olhos. Eu via, com crescente ansiedade, se fazerem os aprestos da minha viagem, que tinha de ser por terra, a cavalo, numa longa travessia de cerca de cem léguas (FREITAS, 2008, p. 09).

Percebe-se uma mudança na forma de lembrar ao narrar os fatos que aconteceram em sua vida adulta. O tom perpassa a expressão mais reflexiva, pois apresenta uma lembrança emotiva, fragmentada e cheia de significações quando faz associação do momento lembrado a outra situação anterior. O passado se manifesta em consciência na situação presente em sua totalidade, pois de acordo com Bergson (2006, p. 48) “é com nosso passado inteiro, inclusive com nossa curvatura de alma original, que desejamos, queremos, agimos”. Por mais que haja recalque do passado

[2] A teoria da memória bergsoniana consiste numa progressão do passado para o presente, e não o contrário, que seria a regressão do presente ao passado. O presente é definido como algo que age sobre nós e que nos faz agir. Como as análises de Bergson estão atreladas a um período científico, podemos perceber que a sistematização é um item recorrente em sua teoria, visto que ele divide a memória em dois planos principais de atuação, são eles: o plano da ação (hábitos motores adquiridos) e o plano da memória pura (o espírito conserva os detalhes totalizantes da vida pregressa). Para localizar uma lembrança, o percurso feito pela memória é longínquo fazendo com que haja circuito amplo, além de ser um exercício altamente consciente, devendo-se manter afastado da direção do sonho. O movimento progressivo do passado para o presente é realizado através da duração e não de uma sucessão de instantes, pois para Bergson (2006, p. 47) “a duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança.” Sendo assim, o passado é esticado e conservado permanentemente, por isso a noção de passado para Bergson não se encaixa como gavetas, nem como faculdades, pois é visto como contínuo e inteiro que nos acompanha e é condensado à nossa história desde que nascemos.

no inconsciente, pelo mecanismo natural do cérebro, não deixará de ser útil e fator influenciador para o presente.

As lembranças relacionadas à família exigem de Emílio, um exercício maior de esforço memorialístico, pois remete a um período mais distante da que ele se encontra quando narra, mas ao mesmo tempo configura parte indispensável em sua rememoração, pois "[...] é no quadro da família que a imagem se situa, porque desde o início ela estava ali inserida e dela jamais saiu" (HALBWACHS, 2004, p. 43). São nas páginas iniciais do livro que passamos a entender melhor o contexto em que o personagem está inserido e consequentemente será influenciado no decorrer de sua vida.

Com uma dívida moral com os seus pais, pelo fato de ele não ter se tornado padre, Emílio narra em sua vida adulta uma visão de remorso e de exaltação da figura materna, como na situação em que enfrentava uma onda de grande desilusão em sua vida após experienciar o luto da morte de seus pais, irmãos e seu primeiro amor, Santinha, a participação na guerra do Paraguai e o fato de se encontrar em estado de mendicância. A lembrança da infância torna-se saudosistas e manipuladas pela carência de amor materno nos momentos de maior dificuldade:

> Do princípio em princípio, eu descera miseravelmente ao antro onde me achava isolado e como que amaldiçoado. Mas entendi salvar-me com as minhas mãos e amassar a minha tortura com o suor de meu rosto. Meu orgulho, as minhas esperanças não se haviam esvaecido de todo. Sentia que, dentro em mim, num altar de iluminado, velava a imagem santa do amor de minha mãe, a lembrar-me meus deveres de homem e a responsabilidade do nome honrado que usava. O instinto da honra me salvou (FREITAS, 2008, p. 26):

O excerto acima citado é uma das diversas ocorrências das lembranças que apresentam sentimento de angústia, arrependimento e saudosismo, sempre revisitados em momentos de perdas e desgraças que ocorreram em sua vida. As reflexões e questionamentos feitos pelo personagem mostram que a construção de sua memória afetiva não é feita de todo por meio de lembranças sequenciadas e lineares, pois há intervenções e ressignificações que realizam movimento anafórico dentro do enredo, firmando a característica de revisitação da memória por meio de fragmentos, pausas e ressignificações.

Além das lembranças afetivas relacionadas aos pais, Emílio também articula boa parte de sua narração voltando-se para as lembranças amorosas que se resumem à figura de três mulheres: Santinha, Guilhermina e Josefina.

A respeito das lembranças serem acompanhadas pelos sentimentos, Bosi (1994, p.31) diz que:

> [...] uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem frígida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

As memórias afetivas relacionadas às lembranças sentimentais de Emílio são atreladas a momentos de tentativas de reerguimento, de mudanças de vida arruinada para vida estruturada, ou seja, sempre que Emílio quer melhorar sua conduta de vida, logo encontra uma mulher para se refazer e isso faz com que a retratação de seus sentimentos com relação a cada uma delas seja feita de maneira mais emotiva, cheia de detalhes e adjetivos.

Seu primeiro e mais intenso amor acontecera logo aos 18 anos, com Santinha, uma moça pura, abastada e criada sob os cuidados atentos de sua mãe, D. Rosa. Depois disso, as sucessivas mortes de suas duas irmãs, de sua mãe e de seu pai e a ida de Santinha para Europa fizeram com que Milo perdesse o rumo e se alistasse na Guerra do Paraguai como voluntário a fim de fugir de tanto sofrimento. Sem parentes e sem ocupação, Milo retorna da guerra pobre e alista-se no bando de ciganos. Encontra-se sozinho e pobre, por isso lamenta a falta de Santinha e expressa sua memória afetiva:

> Não sei por que a lembrança querida daquela santa amiga exerceu sobre mim tão estranho poder! Noite e dia tinha retratados na minha memória os traços perfeitos da sua encantadora fisionomia na plena irradiação da sua beleza ideal. O amor de Santinha era a minha própria existência. Enquanto vivi a seu lado, partilhando e recebendo o influxo da sua bondade e da sua inocência, não pensei que a amasse tanto! (FREITAS, 2008, p. 23).

As lembranças referentes à Santinha são sempre de exaltação ao tipo ideal de mulher para se consumar um casamento, porém após sete anos, Milo a reencontra muito doente e morre pouco depois de vê-lo, desfazendo seus sonhos construídos com ela que se eterniza em suas lembranças posteriores.

Logo depois do enterro de Santinha, Emílio vai para a fazenda de um amigo chamado Dr. Frederico e inicia um romance com sua filha, Josefina, amiga de juventude e mulher de Jorge, com o qual duela pelo amor da moça. A ela referia-se como a mulher de “braços macios, beijos de uns lábios quentes e epiderme de veludo”

(FREITAS, 2008, p. 39). Após conquistar o espaço de marido de Josefina, Milo desencanta-se e a abandona para seguir seu destino.

Nesse entremeio entre dois amores antagônicos, um angelical e o outro carnal, Emílio faz jus à introdução da obra ao refletir sobre os ganhos e perdas da vida e ensinamentos que sua vida poderia proporcionar aos leitores:

> Cada homem tem o seu quinhão de dor. Nossa vida é, simplesmente, uma luta eterna contra a desgraça, que nos vence, nos prostra, nos mata. Uma fatalidade do inferno encerra a nossa vida no círculo vicioso dos mesmos sentimentos, das mesmas sensações, deixando, apenas, que uma tênue luz aclare uma estreita trilha que se distende sobre tojais tecidos de urzes, por onde deixamos despedaçados o nosso ser, as nossas ilusões, as nossas esperanças perdidas, nossos sonhos metidos, em tudo quanto amamos e perdemos pela morte e pela gratidão!
> A desgraça tem ocasos tenebrosos! A dor tem dilaceramentos súbitos e brutais! Como a pobre e pequenina flor da esperança pode vicejar nessas trevas e perfumar esse ambiente lutulento?
> É preciso que o coração humano prove um amor profundo e malogrado para saber o que vale a sua perda; **é preciso que tenhamos sido felizes, excedido aos outros homens em felicidade e nos tornemos, depois, os mais desgraçados, para avaliarmos quanto dói e custa a desgraça.** É preciso ser um pária, viver repelido de todos, andar com a fronte baixa, retalhada pelo escárnio, para sabermos quanto é pungente a desgraça. Isto é o que o tempo não consola, a fé não alenta, a esperança não felicita. Quando o homem vive de uma ideia, a educa, a acaricia e faz dela o seu ser e nela concentra o seu todo, e se vê, em um instante, privado de tudo isto, pode dizer que o seu quinhão de dor foi completo. A dor, que se concentra, é como brasa, que caustica. O silêncio é o pábulo da dor (FREITAS, 2008, p. 23. Grifo nosso).

Em suas reflexões há presença de memórias afetivas porque julga os acontecimentos baseado em sua própria experiência de vida, portanto usa da autoridade sobre suas vivências para tecer pensamentos em tom de ensinamento.

No excerto acima, Emílio propõe uma reflexão sobre as dores e os amores da vida e defende que é necessário conhecer os dois extremos da felicidade e da tristeza para que se possa valorizar cada situação e tirar-lhe bom proveito. Para ele, devemos todos passar pela provação da humilhação e desgraças para que tenhamos motivo de nos orgulhar depois que conseguirmos a superação, por isso a valorização e importância da dor.

Na sequência da lembrança de seus amores, Emílio havia sido preso e depois de liberto estava decidido a trabalhar, entregou-se a novas empresas e tornou-se a reerguer-se. Era benquisto na cidade em que estava, mas sentia-se sozinho. Então,

casou-se com Guilhermina que é descrita a partir da comparação com seus dois amores anteriores a ela:

> A beleza moral, eu amara em Santinha; a beleza física em Josefina. Agora, queria unir o meu destino a uma mulher que reunisse os dois tipos ideais dos meus primeiros amores imortais, revividos sempre através das tristes aventuras de minha acidentada existência.
> Vivia na vizinhança uma moça, filha única de abastado fazendeiro, notável pela beleza e pela bondade. Todos a estimavam e a elogiavam pelas suas muitas virtudes. Modesta, econômica, simples, trabalhadeira, Guilhermina reunia a meus olhos todas as condições necessárias em uma mulher. Casei-me com ela. A nossa vida, como era de esperar correu num mar de rosas. Ela procurava adivinhar os meus pensamentos. Eu a adorava. Morena, de estatura mediana, esbelta, cabelos pretos, olhos pretos, dentadura esplêndida, um pouco cheia de corpo, de carnação divinal, Guilhermina reunia todas as perfeições capazes de me seduzirem. Vivíamos num eterno idílio de lua de mel. Dois filhos, uma menina e um menino, foram novos elos que mais estreitaram a nossa existência. Mas, fui notando, com pesar, que Guilhermina tinha o gênio autoritário e queria mandar e ser obedecida sem réplica (FREITAS, 2008, p. 63).

No auge da paixão, Emílio já não encontra espaço para amar outra mulher que não fosse Guilhermina. Encontra-se num estágio de comparar as duas mulheres que mais amou a uma só e se via completamente realizado pelo fato de ela fazer parte da sociedade a qual ele almejava se engajar e por atender às suas necessidades maritais.

Porém, o autoritarismo, o ingresso no apostolado, as confissões com o padre, as constantes brigas de Guilhermina tornaram o relacionamento deles em um inferno, a ponto de ele abandoná-la e passar a viver com Margarida, moça que havia sofrido abuso de um padre e que, posteriormente, o trai com um de seus escravos chamado José e passa a viver junto dele por imposição de Milo.

Após ter seus filhos degolados pela própria Guilhermina que havia enlouquecido depois da morte de sua mãe e ter sido esquecida pelo apostolado, a lembrança do momento de profundo pesar de Emílio reporta-se à morte de seus filhos. O delírio e angústia regem a situação que ele tenta entender comparando-a com os antigos sofrimentos, mas via que nada se igualava à tremenda dor sentida naquele instante:

> Me vinha à lembrança, em doloroso confronto, as dores que eu sofrera até então e via que nenhuma se comparava ao meu sofrimento atual. E a imaginação se voltava, num recuo angustiado, até meus pais e pensava no amor que me tiveram e quanto deviam ter sofrido por mim. Santos e queridos seres, que eu nunca amei como devia ter amado! E diante da minha grande dor incomparável, eu pedia um consolo até na

> loucura. Como não enlouqueci? Será certo que a dor muito grande e prolongada insensibiliza os sentidos? (FREITAS, 2008, p. 87).

Emílio faz uso do recurso imaginário ao lembrar-se do amor de seus pais a fim de buscar explicações para o que sentia, mas a lacuna do sentimento do presente comparado ao do passado gera margem para que se imaginem coisas que pode nunca ter existido e por influência de um desejo ou sentimento do momento se busca compensar com a criação de situação que gostaria de ter vivido.

Podemos perceber que no decorrer narração dos três amores vividos por Emílio é feita uma recorrência à memória coletiva capaz de disponibilizar suporte para que ele se paute de maneira mais segura sobre aquilo que está contando. De acordo com Halbwachs (2013, p. 39):

> Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Por mais que Emílio narre os acontecimentos em primeira pessoa e toda a narração passe pelo viés de sua subjetividade, é notório que ele se utiliza das situações vivenciadas em comum com os grupos familiares e sociais dos quais ele estava inserido em cada época a fim de reconstituir suas lembranças afetivas.

Na continuidade da trama, após esse episódio de dor e lembranças ligadas ao seio familiar, o protagonista Milo entrega-se aos labores comerciais e políticos, e dedica-se ao abolicionismo e aos estudos literários. Mesmo passando por tantos altos e baixos, o personagem mostra-se sempre proativo, esperto e resiliente.

Após todo esse caos de perdas familiares, Emílio, ao voltar de uma de suas reuniões, rememora que acolheu em sua casa uma mulher maltrapilha que estava aos prantos. Só depois, revela ser Josefina que passa a noite com ele. No dia seguinte, seus pais aparecem e dizem que queriam testar o caráter de Milo em aceitar ou rejeitar sua filha que já estava transformada em uma bela mulher. Casado e rico vive uma vida mais equilibrada. Um pedido é feito a ela naquele momento reportando-se ao passado que ainda os assolava:

> Guarda a tua história para ti, querida. Qualquer que seja esta tua história; quaisquer que sejam as peripécias da tua vida, eu me reporto ao último dia em que te abracei chorando e fecho com um beijo o hiato

> desses anos de saudades, de aventuras e desgraças, que também pesaram sobre mim (FREITAS, 2008, p. 92).

Caminhando para o final da história da obra, Emílio mostra-se estabilizado no campo afetivo, mas é consciente ao refletir que “do meu passado restava apenas, em São Luís, essa sepultura bendita, onde repousavam as cinzas da mais querida de todas as mulheres” (FREITAS, 2008, p. 95), por esse motivo faz uma visita ao seu túmulo juntamente com Josefina.

Logo em seguida, um episódio acontece como uma indicação de que o passado não havia desaparecido por completo. Emílio encontra D. Rosa, mãe de Santinha, mendigando nas ruas de São Luís e como que necessário para sua total libertação do passado para uma nova vida, o suicídio de sua ex sogra acontece, mesmo depois de ser convidada por ele para integrar à sua família, foi de caráter necessário esse episódio para que seu passado fosse absolutamente encerrado.

A morte de D. Rosa representa simbolicamente os mistérios da vida e a libertação de todas as amarras do passado que aprisionavam Emílio. A consciência do fim é inevitável para a existência humana. A finitude de D. Rosa em ambiente marítimo, nos faz imaginar que o passado de Emílio desagua e desmembra-se em águas mais profundas para deixá-lo livre para construir uma nova história.

4.3 Lembrança/esquecimento e o sentido da existência em espaços de referência

A todo o momento podemos fazer conexões entre nossos pensamentos com o que percebemos coletivamente. Nosso pensamento é reelaborado, sempre que contamos a nós mesmos o que aconteceu ou quando lembramos ou registramos em um diário. Mais importante que o registro para si é relatar para o outro, pois nessa experiência há uma socialização e consequentemente melhor compreensão para si mesmo das próprias experiências, por isso:

> Deve-se admitir que em qualquer percepção sensível há uma tendência a se exteriorizar, ou seja, a fazer o pensamento sair do círculo estreito da consciência individual por onde passa e a ver o objeto estando ao mesmo tempo representado ou podendo ser representado a qualquer momento em uma ou muitas consciências (HALBWACH, 2003, p.122).

Há outra corrente que exerce força sobre o sujeito além de seu consciente. Podemos dizer que o espaço, os objetos e as ações externas criam outras

consciências perceptivas que se relacionam com a interna possibilitando uma representação de realidade e durabilidade diferentes em cada um.

Apegamo-nos a determinados elementos temporais e espaciais como suportes para ancorarmos nossas lembranças, visto que:

> A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (BOSI, 2003, p.11).

O espaço e os objetos biográficos que acompanham uma pessoa por muito tempo marcam a singularidade de cada um, pois acabam se incorporando à vida do possuidor, assim como as relações sociais que estabelecemos contribui para o fortalecimento da composição de nossa memória.

De acordo com Bosi (2003, p. 73-74) a relação de nossa história com os espaços por onde perpassamos acontece de forma muito sutil e intrínseca, pois:

> [O bairro tem] sua infância, juventude, velhice... as casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas [...]. Numa casa pintada de azul que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas [...]. O bairro acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores. Suas histórias se misturam e nós começamos a enxergar nas ruas o que nunca viríamos, mas nos contaram.

A mudança dos ambientes acompanha a mutação dos seres humanos que ali habitam e modificam o espaço, sendo assim as percepções são únicas visto que cada ser percebe e valoriza as nuances do lugar que o rodeia de acordo com aquilo que lhe chama mais atenção. Suas memórias, portanto estarão ligadas ao espaço por onde viveu ações no passado.

Em *Memórias de um velho*, Emílio desenha seus traços felizes da infância ao lembrar-se de modo carinhoso, sobre sua primeira morada junto à sua família. Além da descrição física do espaço, há também expressão de um envolvimento psicológico com aquele lugar de origem que marcava o início de sua história. Ao relatar o espaço que viveu em sua infância, o personagem faz uso dos tipos de espaço geográfico, social e psicológico, pois de acordo com Santos e Oliveira (2001, p.67):

> O espaço é esse conjunto de indicações-concretas ou abstratas que constitui um sistema variável de relações. Podemos situar a personagem ficcional fisicamente (espaço geográfico), temporalmente (espaço histórico), em relação a outras personagens (espaço social),

> próprias características existenciais (espaço psicológico), forma como a personagem se expressa ou é expressa (espaço de linguagem).

Apesar do curto relato sobre o local, onde figurou sua infância, Emílio apresenta de modo claro a composição do espaço logo no início da obra, “depois da ceia, a meninada tagarelava ruidosamente e brincava no desvão da sala de jantar, larga e espaçosa, assombrada por um formoso renque de mangueiras seculares” (FREITAS, 2008, p.09). Podemos perceber que as memórias coletiva e social são determinantes ao reportar-se aos barulhos feitos pelas crianças que ali brincavam no sótão da casa, logo depois do jantar. A memória sensorial é também ativada por meio das impressões do narrador sobre o espaço da sala, sua visão infantil tem a sala como um amplo espaço. A imaginação infantil é refletida ao descrever o ambiente físico, pois a enorme sala de jantar guardada na memória de Emílio era personificada pelo sombreamento causado pelas mangueiras, isso despertava a criatividade fantasmagórica da criança que via a imagem.

O olhar mais sensível voltado para o ambiente da casa é estudado pelo filósofo francês Gaston Bachelar em sua topoanálise do espaço poético intitulado: *A poética do espaço.* Para ele o mundo externo é reflexo do mundo interno, pois a casa é “um verdadeiro cosmos” e “o nosso primeiro universo” (1993, p. 24).

Os espaços retratados por ele são caracterizados pelo afeto depositados a eles. Por exemplo, a casa é análoga a uma concha, ninho ou até mesmo ao ventre materno por nos causar a sensação de abrigo, acolhimento e segurança. Sentimentos esses vividos por Emílio em sua infância, que teve que ser rompido devido à decisão dos pais, que o obrigaram a cortar o vínculo com sua morada primeira.

Ainda, sobre o espaço geográfico, o protagonista revela que sua família residia na fazenda Retiro, no sertão piauiense e que:

> Não eram ricos, mas viviam abastadamente do seu trabalho sertanejo, sem fausto, mas independentemente. A casa de morada ficava em uma pitoresca elevação e, à esquerda, os currais. Na frente, uma grande quinta de fruteiras e o riacho, que nascia de um abundante olho d’água (FREITAS, 2008, p.10).

As informações espaciais físicas são detalhadas nesse episódio pela influencia da retratação de seu espaço psicológico, pois apresenta onde viveu sua infância feliz ao lado de seus pais e de seus quatro irmãos.

Todo esse clima de ambiente feliz é afetado devido à primeira mudança de cidade vivida por Emílio. Mudança essa que causa trauma e recalque no desenrolar de sua narrativa, visto que ele foi retirado do seio familiar para morar no Seminário das Mercês, no Maranhão. Ao receber a notícia, Emílio sente-se desprotegido, temeroso, triste e abandonado.

O espaço psicológico também é retratado quando Emílio faz suas diversas reflexões sobre a vida, os amores vividos e as dores sentidas, como no momento em que ele relata o período em que se encontrava perdido em uma mata totalmente desorientado e sozinho:

> **Jamais em minha vida experienciara tamanho terror**. As crenças fanáticas da minha infância me assaltaram numa entuaviada de terrores desconhecidos, que a minha escalada imaginação corporificava em espectros hediondos, em fantasmas horripilantes. Um suor frio me corria pelo corpo debilitado pela fadiga (FREITAS, 2008, p. 49. Grifo nosso).

A lembrança nessa situação se articula ao estado psicológico abalado em que se encontrava Emílio ao sentir muito medo diante do caminho desconhecido de uma mata fechada. Além do ambiente descrito de maneira aterrorizante, vejamos que o elemento fantasioso compõe esse espaço, pois mesmo sem constatar a presença de forma efetiva de tais fantasmas que rondavam apenas seu imaginário, isso gerava reflexos em seu estado físico que transparecia agonizar de tanto mal estar.

Em outra situação em que Emílio se encontrava, num estagio de maior maturidade, percebemos que a narração do espaço psicológico do personagem abranda-se ao dizer que “a filosofia monista, então, dominou-me [...] vigorado pela nova disciplina, comecei a encarar os problemas filosóficos, políticos, literários e religiosos por outro prisma, sob outro ponto de vista mais vasto e humano” (FREITAS, 2008, p. 95). O equilíbrio das faculdades mentais se estabelece ao novo estilo de vida de Emílio depois de passar por diversas situações de instabilidade. Nessa fase da vida, O personagem faz memória de sua maturidade atrelada ao apreço pela humanidade, sendo assim ideias opressivas e autoritárias de outrora transformaram-se em ações mais inclusivas e igualitárias.

A despeito dessa mudança de perspectiva psicológica de Emílio, podemos perceber indícios também na apresentação do espaço histórico que é retratado de maneira muito detalhada e ressaltada, pois toda a história possui como pano de fundo,

elementos referentes aos fatos, pensamentos e acontecimentos históricos do início do século XIX, época em que foi escrita e publicada a obra.

Quando Emílio relembra seus espaços psicológicos mais turbulentos, sempre há uma ideologia mais radical por trás desse estado de espírito mais violento. O episódio em que ele se encontra no espaço físico da cadeia sua revolta perpassa pelos espaços históricos do anticlericalismo, maçonaria e escravocracia. Em outra fase da vida, mais amadurecido, Emílio relembra que além de estudar a filosofia monista, passa a ser abolicionista "alforriando gratuitamente todos os meus escravos" (FREITAS, 2008, p. 88).

Podemos indagar que os espaços psicológicos e históricos perpassam-se num complemento que compõe a narrativa de memória.

Em algumas situações lembradas para retratar os espaços históricos, analisamos que existem datas precisas, como no excerto a seguir em que Emílio lembra de modo pontual a data da morte de seu irmão "um mês depois, a 24 de setembro de 1858 falecia meu irmão Pedroca" (FREITAS, 2008, p. 10). Há outras partes da rememoração atreladas a acontecimentos da vida do protagonista com fatos históricos como a Proclamação da República que culmina com seu fim glorioso e feliz por encontrar-se estabilizado, como mostra o excerto: "Era a República um fato consumado. Estávamos em plena República! Voltamos para o hotel, eu entusiasmado pela vitória republicana" (FREITAS, 2008, p. 104).

Uma das marcas da obra ao rememorar sua vida é a supressão do nome dos lugares por onde Emílio passou em sua trajetória. Devemos analisar que durante sua narrativa da infância, ele foi retirado do seio familiar para cumprir o desejo de seus pais, mesmo indo contra seus interesses pessoais. Essa repressão quanto à sua liberdade espacial no fim de sua infância pode ter gerado bloqueio no personagem, pois de acordo com Freud (1991, p. 53) existe uma "natureza tendenciosa do funcionamento de nossa memória, já que é sabido que a memória faz uma seleção sobre as impressões que lhe são oferecidas, que tal seleção se dá, na infância." É na fase infantil que são selecionadas as recordações de experiências que despertam forte emoção e que geram reflexos no decorrer da vida:

> Muitas coisas são esquecidas por si mesmas; quando isso não é possível, a tendência defensiva desloca seu alvo e produz ao menos o esquecimento de alguma coisa, algo menos importante que tenha estabelecido um vínculo associativo com aquilo que é realmente chocante (FREUD, 1991, p. 136-7).

O personagem Emílio apresenta essa “tendência defensiva” teorizada por Freud ao sofrer o afastamento compulsório de sua casa para o seminário, gerando esquecimento ao substituir o nome de cidade por onde passou por reticências, isso é estabelecido pelo “vínculo associativo” de sua ida para um lugar onde não pretendia ir a sua tenra idade. Sendo assim, o foco de sua narrativa desvia-se da identificação dos lugares e se volta apenas para os acontecimentos em si.

Para Bosi (2003, p. 07) “o desenraizamento é condição desagregadora da memória”, pois nossas memórias afetivas, psicológicas, físicas e sociais estão ligadas aos lugares onde nos demoramos e temos boas relações com o que nos rodeia. Quando o lugar se torna passageiro, não há fortalecimento das relações sociais, assim favorecendo a ocorrência de ruptura, falha e fragilidade das lembranças.

Emílio sofre com o processo de desenraizamento ao cogitar “a ideia de abandonar os meus e ir para tão longe, viver entre estranhos, me agoniava” (FREITAS, 2008, p. 09). As más experiências podem gerar apagamento voluntário da memória, pois para Freud (1976, p. 327), “o motivo do esquecimento é invariavelmente um desprazer de lembrar alguma coisa que pode evocar sentimentos aflitivos". Poderíamos então deduzir que há um recalque de determinada situação desagradável que reverberará ao longo da vida.

Em algumas passagens em *Memórias de um velho* podemos verificar a tendência defensiva sofrida por Emílio que comprovam seu esquecimento mediante evocação dos sentimentos desprezíveis, como nos excertos “Eu fui levado para a cadeia da vila de [...]” (FREITAS, 2008, p. 51), em que o personagem passa por uma situação vexatória de ser preso e humilhado pela sociedade que não o ajudou depois que saiu da cadeia. Em outra passagem, ele relata que logo depois que consegue se reerguer em sua vida profissional percebe que “Os negociantes da cidade de... tão inclementes comigo, agora me procuravam” (FREITAS, 2008, p. 61). Pelo fato de ter sofrido o desprazer da rejeição podemos supor que esse seja o motivo da supressão do nome da cidade.

Sobre a noção de algo presente, porém ausente, Ricouer (2007, p. 27) apresenta os estudos dos rastros como afirmação de esquecimento, podendo acontecer de modo intencional (algo é excluído a partir da memória seletiva) ou porque algo tenha escapado ou se modificado da memória. Os rastros classificam-se em escritos, psíquico e cerebral.

Podemos perceber que os rastros deixados pela memória de Emílio classificam-se como psíquicos, pois há expressões textuais que indicam que algo escapou ou não se encaixa mais em suas lembranças no momento da narração. É importante ressaltar que os rastros no estudo sobre memória revelam a fragilidade e a impalpabilidade das lembranças, pois nos mostra que a qualquer instante algo pode ser esquecido completamente e definitivamente.

As lembranças e esquecimentos experienciados por Emílio, possuem caráter de ligação com os espaços que o perfazem ao longo de sua narrativa, em que algumas memórias são vivas e descritas com detalhes e outras são tendenciadas ao esquecimento por algum vínculo associativo.

4.4 Lembranças políticas e sociais em *Memórias de um velho*

Variados são os motivos para que uma lembrança venha à tona, sendo individualmente ou por intermédio de um grupo. Nessa retomada de memória, muitas vezes se faz necessário o retorno ao momento passado a fim de identificar pessoas, mas o momento em que os acontecimentos foram vivenciados.

Nesse sentido, situar-se no tempo é necessário para que haja a recordação de um episódio e o despertar de uma lembrança. A contextualização temporal individualiza determinada situação diante de vários outros, o que possibilita que algo seja lembrado por causa de vestígios que se destacam quando o momento do fato é pensado.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 156) “os limites até onde retrocedemos assim no passado são variáveis segundo os grupos e é o que explica porque os pensamentos individuais conforme os momentos [...], atingem lembranças mais ou menos remotas”. Dessa forma, podemos entender que quando uma lembrança está relacionada a situações, pessoas envolvidas e tempo em que aconteceu, torna-se mais claro o exercício memorialístico.

O posicionamento social e político inserido no tempo de Emílio são bem delimitados desde o início de suas lembranças. Enquanto ser social, ele sempre exalta sua capacidade de resistir aos ataques sofridos pelas agruras da vida e ao final de cada situação sempre conseguir se refazer, como no trecho do livro em que diz que:

> Experimentava até nessa derrota novas forças para lutar, convencido de que as derrotas só aniquilam aos que não sabem tirar delas o necessário partido. Sentia em mim o estímulo heroico do Anteu da

> fábula: em cada derrota me erguia mais forte para a nova luta (FREITAS, 2008, p.61).

A transição de sua infância para adolescência acompanha a mudança de sua vida religiosa transgredida para a vida profana, Emílio nos apresenta um leque de pensamentos, filosofias, ataques e reflexões que agitam suas memórias.

A tendência defendida por Emílio é a do pensamento livre e do anticlericalismo, ou seja, tudo o que estava relacionado à igreja católica denotava oportunismo e enganação aos fieis. De acordo com Matos Ferreira (2000, p. 81) “foi em torno da afirmação do Estado, da sua natureza e da sua autonomia, que o anticlericalismo se assumiu, verdadeiramente, como ideologia de um combate político”. Os dogmas e doutrinas religiosas da igreja católica são amplamente contestados por Emílio por serem considerados pretextos para submissão da sociedade para o enriquecimento e ampliação do poderio da instituição religiosa em questão.

Como forma de protesto e rebeldia ao que lhe foi imposto, enquanto morava com seus pais, Emílio abandona os estudos religiosos do seminário e opta por uma vida afastada das imposições e privações da igreja.

Os questionamentos e críticas quanto à hipocrisia religiosa já constam logo no início da obra, pois na época em que perdeu seu primeiro amor, Rosinha, o personagem se dispõe a servir na guerra do Paraguai e ao retornar da missão encontra-se totalmente desamparado, encontrando acolhida na cidade apenas por parte dos ciganos. Isso faz com que Emílio reflita sobre as condições hipócritas e preconceituosas dos cristãos ao omitirem ajuda àquele que não se enquadra nas posturas esperadas por eles e rememora que:

> Ainda hoje, apesar de purificado no fogo lustral da inquisição, para o povo ignorante e para o fanático, o judeu é um ser maldito e odiado, sem se lembrarem, em primeiro lugar, que, para o Deus eterno, pai e criador de todos os homens, não há pagão nem batizado e todos os homens são irmãos pelo amor divino, que os iguala; depois porque o Deus judeu é o Deus cristão e o culto cristão é ou se diz um prolongamento do culto judeu (FREITAS, 2008, p.24).

O combate ferrenho é feito contra às construções sociais acerca das regras e imposições veladas em nome de Deus. Para Emílio “a sociedade impõe o absurdo” (FREITAS, 2008, p.24), pois não leva em consideração a verdade e a liberdade de cada um.

Além do combate ao catolicismo, o perfil social e político de Emílio perpassam também pelos estudos científicos contemporâneos à época em que a obra foi escrita. De acordo com Röd (2008, p. 448):

> Uma vez que o progresso da sociedade depende de conquistas teóricas, deve-se dar aos cientistas a possibilidade de conduzir, juntamente com os guias da economia, o desenvolvimento político e social, o que não deve, aliás, acontecer simplesmente no âmbito dos Estados nacionais, mas no âmbito da Europa. Somente daqueles que estão imbuídos do espírito positivista se pode esperar uma reestruturação racional da sociedade, orientada pela ciência e voltada para o progresso.

As novas correntes científicas apresentavam um ideal de progresso ao aliar o conhecimento científico à vida social que fundamentariam projetos políticos que visavam o fim do regime monárquico. As tendências do naturalismo, darwinismo e positivismo em voga na época evidenciam o lado mais objetivo, antropocêntrico e animalesco do homem que segue seus instintos e a lei da sobrevivência.

Em consonância a esse pensamento científico, podemos exemplificá-lo na obra a partir do episódio em que Emílio faz memória da morte de Jorge, marido de Josefina. A disputa por aquilo que não pertencia à Emílio desperta nele a ânsia de conquistar a mulher como se fosse um troféu. Como Jorge configurava apenas um empecilho entre os dois, e não já havia espaço para ambos na vida dela, marcaram um duelo numa floresta:

> Minutos depois, ambos nós ensanguentados, suados, alucinados, cravamos um no outro o punhal sem piedade, inconscientemente. Um de nós tinha de morrer: a sorte foi contra Jorge, que era o mais fraco. Ele caiu arquejante de cansaço, cego de furor. Pus o joelho sobre o seu peito, segurei-lhe o esmorecido punhal com o braço esquerdo e levantei, pela última vez, o um punhal (FREITAS, 2008, p.40).

Podemos perceber que a escolha lexical pela expressão “mais fraco” dá condições superiores para Emílio ganhar essa disputa. Depois da morte de Jorge, poucos dias de remorso o afligiu, tornando a ter dias prazerosos com Josefina que logo fora abandonada, pois já representava jogo ganho para ele.

Sendo assim, Emílio rememora que seguiu sem destino e se perdeu em uma mata. É neste episódio que acontece a situação de intensas críticas à religião reincidente em toda a obra: ele lembra que encontra um frade, chamado Frei Inácio, tentando abusar sexualmente de uma moça.

No transcorrer dos diálogos, Frei Inácio ataca a moça, mas Emílio invade o local para defendê-la, despertando no frade grande ira a ponto de montar uma armadilha, colocá-lo na prisão e excomungá-lo.

Enquanto prisioneiro faz lembrança da visita que recebe de um padre a fim de confessar-lhe. É gerada longa discussão teológica entre os dois em que Emílio defende o ateísmo e questiona a existência divina:

> - Teu corpo será pasto dos vermes em qualquer caso. Trato de tua alma.
> - Que poder tendes sobre ela?
> - O poder que me foi conferido por Jesus Cristo de ligar e desligar.
> - Primeiramente, eu não necessito dos vossos ofícios; em segundo lugar, eu não acredito no vosso ministério. Eu sou maçom e ateu, padre mestre. Vós podeis desligar os que estão ligados. Eu já estou desligado há muitos anos.
> - Tu mentes dizendo que não acreditas em Deus.
> - Por quê?
> - Porque o ateísmo é mentira. Todos os homens forçosamente acreditam em Deus, e os que o negam mantêm a voz da sua consciência.
> - Enganai-vos, meu padre. O ateísmo é também um fato de consciência, como a fé. A crença em Deus teve sua razão de ser nos tempos em que as leis da natureza eram ignoradas, e Deus era a explicação de tudo quanto a ignorância não sabia explicar. Hoje, que sabemos que, no universo, nada morre, e nada se cria, e só há transformação; hoje, que sabemos, que do homem à pedra, do verme à flor não há uma exceção que autorize supor-se nas probabilidades da prova teológica, já não vemos necessidade na hipótese de Deus. A ciência que tudo explica ou entrevê e para tudo tem uma hipótese, autoriza ateísmo sincero. O Deus da vossa inane teologia pagã, Deus moldado no tipo humano, Deus à semelhança do homem, Deus partidário, ciumento, vingativo, feroz, verdadeira imagem dos torpes déspotas asiáticos da antiguidade, não é o Deus impessoal e eterno, que alguns espíritos nobres invocam e creem (FREITAS, 2008, p. 55).

Nesse trecho, em que Emílio rememora uma discussão, não há evidências de esquecimento, pelo contrário, nos remete a afirmação de que nos lembramos com mais detalhes daquilo que nos marcam. Esse diálogo marca o personagem porque ele se utiliza de argumentos incisivos e pautados nas ideologias que acredita para defender seu ponto de vista.

Durante a discussão é feita uma alusão à passagem bíblica do livro do evangelista Matheus, no capítulo 18, quando foram usados os termos ligar e desligar referente ao poder de dar e retirar por intervenção divina. Para Emílio isso não fazia mais o menor sentido, visto que ele já não tinha mais a prática do culto a Deus.

Declarando-se ateu e maçom, faz crítica ferrenha contra Deus atribuindo diversos defeitos e comparações negativas à sua imagem.

Congruente às tendências do século XIX, *Memórias de um velho* ilustra por meio das escolhas de Emílio a instituição da Maçonaria em voga por ser formadora de opinião e como funcionar como uma forma de sociabilidade que possui caráter fechado. Ao final do século acima citado, a Maçonaria transforma-se em grupos de discussão e de formadores aliados quanto aos grandes temas que gerassem em torno a nova identidade nacional, como os problemas nacionais, os ideais republicanos e a campanha abolicionista. Eles compreendiam que:

> Constituição liberal e progressista, a Maçonaria, dentro de seus princípios, sempre teve em mira o bem estar do povo, a pureza do regime, a grandeza da pátria, prestigiando com o seu poder e a sua força, os governos que se distinguem pela sua operosidade em prol da causa pública, pela sua justiça, pelo seu patriotismo (GUITI, 1922, p. 92).

Sendo assim, o discurso maçom movimentou o cenário da época de forma que modificou a cultura social da época de maior efervescência do levante da instituição, de modo que na literatura também houve resvalamento por meio do personagem Emílio que apresenta engajamento político-social em sua meia-idade.

Os ideais maçons também desconsideram o teocentrismo, portanto, a religião é malvista por eles por ser considerada apenas, um canal para a alienação em detrimento do sofrimento do povo, como nos eventos das Santas Missões Jesuíticas e inquisição que geraram diversas mortes em nome da igreja. Deus é apenas uma invenção social para sanar as dúvidas não respondidas e questiona com fervor sua real definição diante de tantas analogias feitas a ele.

Na obra, a figura mais atacada por Emílio é a do padre, por julgar ter a pretensão de ser representante de Deus na terra e por considerar a confissão uma “suprema imoralidade” (FREITAS, 2008, p.67), sendo esse um dos maiores motivos de desentendimentos entre ele e Guilhermina, pois argumentava contra ela que “quem muito reza e se confessa é porque não tem consciência pura” (FREITAS, 2008, p.72).

Em suas lembranças, a religião sempre é foco de grandes confusões no lar de Emílio e Guilhermina. Além dela, sua sogra defende a igreja com idolatria, o que deixava o discurso de Emilio cansado e enfraquecido diante do fanatismo da esposa e dos pais dela.

Tal desgosto gerou um motim causado pela invasão de Emilio ao confessionário no momento em que sua esposa se encontrava com um padre às escondidas. O padre foi agredido em meio à igreja por ele, nesse momento o anticlericalismo se mostra de modo muito claro devido o desmascaramento do Frei Inácio, perante toda a assembleia feita por Emílio e pela moça que fora assediada por ele na choupana.

Mesmo diante de toda essa situação de denúncia, a voz de Emílio não foi levada em consideração pelo fato de a força religiosa na época ser muito forte, resultando na permanência do Frei em seu cargo apoiado pelos fieis da igreja.

Emílio rememora que não se sentiu vingado e reencontro com o frei acontece quando Emílio vai ao palácio em um evento social, já com sua última esposa Josefina, e se contrapõem em uma discussão sobre a eficácia dos missionários católicos.

Na oportunidade e pela terceira vez, relembra todo o acontecido do abuso sexual e volta-se contra os padres conferindo que “a mentira só vós a pregais, frades imorais, que abocanham a Deus e pretendeis iludi-los como iludis a consciência dos tolos” (FREITAS, 2008, p.102).

O padre foi rechaçado e Emílio sente-se mais aliviado por desmascará-lo diante da alta sociedade.

Percebamos que a história do Frei Inácio corta três vezes a narrativa causando sempre pausas na trama, para frisar e questionar ao leitor as certezas e verdades sobre a religião católica. Além de ser um espaço para inserir as temáticas do anticlericalismo, da maçonaria, do cientificismo e do pensamento livre; este ilustrado pela escolha de criação dos filhos de Emílio por eliminação do catecismo e formação rigidamente para a vida mundana sem entulhar-lhes as inteligências com os problemas metafísicos, superiores à razão, de que não precisamos ter conhecimento, porque, em nada, nos adiantam (FREITAS, 2008, p.85). Logo adiante, em momento mais maduro na vida, Emílio relembra que:

> Começaram a minha regeneração mental, cuja educação metafísica pecava pela falsa intuição geral das coisas. A filosofia monista, então, dominou-me. Estudei com verdadeira paixão as grandes obras modernas, e, vigorado pela nova disciplina, comecei a encarar os problemas filosóficos, políticos, literários e religiosos por outro prisma, sob outro ponto de vista mais vasto e humano (FREITAS, 2008, p. 94-5).

Nessa fase da vida dele, em que se encontra mais maduro e centrado, a filosofia monista representa o repouso espiritual. A tranquilidade é atrelada em todos os pontos de sua vida ao estilo de vida adotado, inclusive aos fatores políticos, pois várias lutas e bandeiras levantadas por ele durante toda a história são conquistadas ao final.

A abolição da escravatura e a mudança de regime imperial para republicano, marcaram a passagem de sua vida de quedas e erros para uma vida plena e equilibrada. Esse balanço feito por ele sobre uma revisão de sua vida é próprio da velhice, pois a ressignificação do que se viveu ganha mais força no período de repouso mental e físico em que se encontra o velho. Nesse período da narração de sua vida, Emílio encontrava-se sem os filhos e esposa, entregando-se totalmente às causas políticas, como ilustra o trecho abaixo:

> A política, então, **me absorvia o espírito**, estimulado pela grande campanha abolicionista, de que e me constituí um dos mais fervorosos defensores. Comecei, como era lógico, alforriando gratuitamente todos os meus escravos. A campanha foi tenaz, árdua e arriscada, porque os senhores dos escravos faziam questão de vida e de morte pela manutenção da sua propriedade, segundo eles, garantida em toda a sua plenitude pela constituição do Império. Que me importava a letra sofismável da lei fundamental, quando a verdade era que ela mesma nos garantia a posse de todos os direitos e não consagrava a escravidão? Demais, o homem podia ser equiparado a coisa para ser possuído? A escravidão era o direito da força e a força nunca foi direito (FREITAS, 2008, p.88. Grifo nosso).

Sua função social volta-se para os labores da leitura, do trabalho no jornal e do engajamento político abolicionista e republicano. A política é fator de refúgio para Emílio, visto que a compara à sua própria vida em que há derrotas e vitórias, desgostos e alegrias, além de exaltar o caráter da tolerância aprendida em suas andanças políticas, contrariamente ao discurso religioso que para ele é sempre intolerante e excludente.

A expressão em destaque no excerto reforça a ideia de que Emílio precisava dedicar-se a algo que elevasse seu espírito e tomasse o tempo de seus pensamentos e realizações pessoais. Toda a sua vida naquele momento se resumia à produtividade intelectual e política a fim dar fuga às suas angústias e decepções perante a vida.

Os ideais abolicionistas estão para a liberdade dos escravos, assim como a pacificação está para esta nova fase da vida de Emílio que ao lembrar-se do que viveu

revela seu estado mais reflexivo a respeito das causas e consequências refletidas em nossa história.

A aproximação da morte faz com que haja uma preocupação mais evidente sobre o que se espera depois dela. Emílio rememora, ao final de sua trajetória, uma transformação quanto a sua personalidade. De homem desleixado, radical e incisivo, passa a ser mais tolerante, compassivo e cauteloso, traços conquistados devido a sua experiência de vida acumulada.

Encaminhando-se para o final da história, culmina-se a denúncia do Frei seguido de grande alívio e a vitória da Proclamação da República no Rio de Janeiro.

Ao final são feitas reflexões sobre a mudança repentina de preferências políticas diante da troca de poder pelo qual passava o país naquele momento. As memórias históricas se fazem presentes em todo o decorrer da vida de Emílio, muito mais que pano de fundo, os acontecimentos históricos e pensamentos que marcaram época dão vida e desenham o percurso caminhado pelo protagonista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é o pilar das discussões que regem este ensejo, pois é a partir dela que o narrador personagem da obra em estudo desfila suas lembranças abrangendo grande parte de sua vida sob a ótica de um idoso que transparece seu julgamento daquilo que foi vivido.

Antes de analisarmos o passado revisitado das memórias do velho Emílio, perpassamos pelos estudos teóricos acerca do tempo associado à memória a fim de problematizar a duração defendida por Bergson contrapondo-se ao instante apresentado por Bachelard.

Pudemos notar que a noção de tempo social é diferente da noção de tempo da memória, pois aquela é definida pela batida do relógio que cronometra e determina as ações da rotina do cotidiano, já o tempo da memória é retratado de modo individualizado, pois cada lembrança particular gera outra lembrança, sendo assim é tecida uma malha de ressignificações que somente o indivíduo que a criou possuirá. Pelo fato de a memória possuir traços individuais a percepção temporal é algo notavelmente pessoal.

Por mais individual que o tempo seja desenvolvido na memória de cada um, podemos constatar que a memória é um construto social, pois desenvolvemos nossas lembranças a partir do engajamento nos diversos grupos sociais aos quais pertencemos, como família, amigos, escola, trabalho, entre outros. Para analisarmos a memória individual e coletiva buscamos os estudos de Halbwachs que nos direciona no sentido de compreender que a memória individual é formada por um conjunto de testemunhos selecionados que são externos ao indivíduo.

Mesmo sem entrar em contato físico com outras pessoas a memória individual torna-se coletiva ao lembrar-se de alguém que fez parte daquela situação lembrada. Claramente notamos que isso acontece com o narrador Emílio, pois aparentemente não dialoga com ninguém ao narrar suas lembranças, mas utiliza-se da memória coletiva para citar as pessoas que fizeram parte de seu cotidiano para contar de maneira mais detalhada sobre sua vida.

Ao narra suas histórias, Emílio como um personagem idoso nos chamou atenção quanto ao espaço que é dado para a socialização das lembranças do velho na sociedade e na literatura. É assumido para os idosos que sua função social é lembrar-se do passado como memória viva dos grupos pertencentes e narrá-las.

Diante disso, nos deparamos com o conceito de narrador viajante e narrador sedentário de Benjamin. Os dois tipos possuem congruências no sentido de utilizarem-se da oralidade para narrar àquilo que foi extraído de suas próprias vivências a ponto de partilhar também seus conselhos de vida oriundos de sua sabedoria e experiências adquiridas.

Porém, eis que surge uma problemática: o homem moderno que está em pleno exercício social de trabalho, dispõe de tempo para ouvir aquilo que o idoso tem a falar? Infelizmente não. O quadro de solidão, depressão e isolamento social assolam a realidade dos idosos, visto que perdem seus papeis sociais de funcionalidade, logo também perdem espaço para serem validados e ouvidos com atenção. O personagem Emílio, não se reporta a ninguém de modo específico, sua narração é destinada àquele que quiser seguir suas experiências como modelo de vida, disponibilizando para todos. Certamente, sua situação de escrita foi solitária, assim como a espera por alguém interessar-se a ler seus escritos sobre suas vivências.

A ânsia de compartilhar aquilo que se viveu é tão grande para os idosos que pudemos constatar no estudo comparativo entre três obras literárias, são elas Leite derramado, Memórias de minhas putas tristes e Memórias de um velho. Ao longo da análise notamos que o tom reflexivo sobre a vida passada é recorrente, além disso a necessidade de contar para os outros sobre suas experiências também. É como se através da narração fosse feito valer as vivências importantes por eles que já se encontram perto da morte.

A velhice causa no indivíduo uma aproximação com a despedida da vida e isso faz com seu olhar repouse de modo menos superficial e rígido sobre o que passou o que ainda os espera.

Em todas as obras analisadas detectamos recorrentes problemas quanto ao esquecimento, mecanismo natural para que haja o revezamento das lembranças. Mas, esse mecanismo torna-se um problema quando a memória não cumpre sua função básica: ligar o presente ao passado. Ricouer explica que o esquecimento pode acontecer devido o apagamento dos rastros por algum motivo, intencional ou não, ou porque a memória não se encaixa mais nos moldes atuais devido ao pagamento ou a modificação de algo.

Já Freud diz que todo esquecimento não é arbitrário, pois coisas são esquecidas, como nomes próprios, pelo fato de o indivíduo ter sofrido algum tipo de recalque, o que também chamará de tendência defensiva. Portanto, o esquecimento

aqui é entendido como algo natural do ser humano ao longo de sua vida, mas que também pode acontecer de maneira proposital para se esconder algo que a memória não mais quer revelar.

A última parte de nosso estudo é dedicada às análises da obra em foco. A abordagem inicial versa a respeito do autor do livro em que é apresentada sua vida acadêmica e intelectual que muito influenciou em sua vida profissional como jornalista, político e escritor. Além disso, busca-se evidenciar sua contribuição para a imprensa e literatura piauiense que foi valorizada por ele e seus contemporâneos, cujos foram responsáveis pela movimentação do cenário cultural do século XIX no Piauí.

Logo em seguida, os aspectos sobre o perfil de Emílio, narrador-personagem, foi traçado mediante possível intertextualidade com influências sofridas por Clodoaldo pelo filósofo Rousseau, que nomeia Emílio o personagem principal de uma de suas obras mais importantes e que configura traços de personalidade muito próximos aos de Emílio de Memórias de um velho. Além disso, buscou-se analisar suas memórias afetivas a fim de perceber de que modo as lembranças são feitas.

As lembranças e esquecimentos atrelados ao espaço e as memórias sociais e políticas narradas na obra foram os pontos de partida para a investigação do desenho da memória ou da falta dela contadas por Emílio.

Sendo assim, analisou-se de forma embasada em teóricos na área de memória um dos vários vieses que o livro *Memórias de um velho* possibilita. Esse trabalho foi feito sob a perspectiva do olhar literário para se investigar a lembrança e o esquecimento recorrentes nessa fase da vida, além de reportar-se também à reflexão do papel do idoso na sociedade e na literatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto. ***Mini-tratado das reticências***, 2004. Disponível em: <http://diplomatizzando.blogspot.com/2017/11/minitratado-das-reticencias paulo.html>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante***.* Campinas: Verus Ed, 2007.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Celso. Clodoaldo Freitas**:** inteligência superior. In: **Academia piauiense de Letras**: os fundadores. Teresina, Meio Norte, 1997.

BENJAMIN, W. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.* In: _____. ***Magia e técnica, arte e política:*** obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.* In: _____ **. Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291p.

BEVILÁQUA, Clóvis. **História da Faculdade de Direito do Recife**. 2. ed. Brasília: INL; Conselho Federal de Cultura, 1977

BORGES, Jorge Luis. **Funes, o memorioso***.* In: **Ficções**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1970.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço, percepção e literatura*. In: _____; BARBOSA (Orgs.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos, SP: Ed. Claraluz, 2009. p. 167-189.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.53-59.

_____. **O tempo vivo da memória***: ensaios de psicologia social.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHAVES, Joaquim (Pe). **Apontamentos biográficos e outros**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1983. p. 43-46.

COELHO, Celso Barros. Clodoaldo Freitas, inteligência superior**.** In: **Academia Piauiense de Letras**. Os fundadores. Teresina: Meio Norte, 1997, p. 116.

_____. ***Homens e ideias de ação***. Teresina: Ed. Júnior, 1991, p. 19.

CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina, ano 7, p. 28-54, dez. 1924.

FERREIRA, António Matos. Anticlericalismo. In, AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2000, p. 81.

FREITAS, Clodoaldo. **Memórias de um velho***.* Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

FREUD, Sigmund. *Uma nota sobre o bloco mágico*. In: **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Ed. Imago, 1997.

_____. Lembranças encobridoras. In: **Obras psicológicas completas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986. vol. III.

_____**. A psicopatologia da vida cotidiana.** Rio de Janeiro: Imago. 1976. Vol 6. Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud,

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2009. 224p.

GAUER, Ruth M. Chittó. **O reino da estupidez e o reino da razão.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 77.

GUITI, Antonio. **A maçonaria no centenário 1822-1922**. São Paulo: Grande Oriente do Brasil. 1922.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva***.* Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa***.* Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Ed. da UNICAMP, 1990.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura piauiense:** horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930)**.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Memória de minhas putas tristes**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história*: a problemática dos lugares*. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php. Acesso em: 09 maio 2018.

OLIMPIO, Matias. **Ensaios, discursos e conferências.** Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

OZIRIS, Borges Filho; SIDNEY, Barbosa (Org.). **Poética do espaço literário**. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2009.

PAIVA, Rita de Cássia Souza. **Gaston Bachelard***:* a imaginação na ciência, na poética e na sociologia. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

PINHO, Adeítalo Manoel. **Perfeitas memórias***:* literatura, experiência e invenção. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº10. p. 3-15, 1989.

Portal Academia Piauiense de Letras. Disponível em: https://www.academiapiauiensedeletras.org.br/clodoaldo-freitas/. Acesso em: 10 fev. 2019

Portal O dia. Disponível em: https://www.portalodia.com/noticias/alepi/assembleia-fara-homenagem-aos-100-anos-da-academia-piauiense-de-letras-310450.html. Acesso em: 15 jan. 2019.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República:** Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.

_____. Clodoaldo Freitas e a republicanização da República. **Revista Espaço-Tempo**, v. 1, n.1, p.142-155, 1991.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François, et al. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2007.

_____. Memory, history, oblivion. Budapeste, 2003. Disponível em http://pt.scribd.com/doc/219745688/Memoria-Historia. Acesso em: 15 abr. 2018.

RÖD, Wolfgang. **O caminho da filosofia**: dos primórdios até o século XX. Brasília: Ed. da UnB, 2008. v. 2: do século XVII ao século XX.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Emílio ou da educação.** Traduzido por Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1995. Titulo original: Émile; ou, De l'éducation.

SAID, Edward. **Visão consolidada**. In: Cultura e Imperialismo. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SARLO, Beatriz. *A retórica testemunhal*. In: **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória, literatura. **O testemunho na era das catástrofes.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. p. 59-89.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Espaço e Literatura. In: _____**. Sujeito, tempo e espaço ficcionais:** introdução à teoria literária**.** São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 67-93.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. **Asilo para idosos***:* o lugar da face rejeitada*.* Belém, 2003.